

MESTRADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS, CULTURAIS E INTERARTES
RAMO DE ESTUDOS COMPARATISTAS

**Viajantes Lusófonos na China: questões
culturais na Literatura de Viagem a
partir de Maria Ondina Braga e António
Graça de Abreu**

WANG JIANAN

M

2023



WANG JIANAN

Viajantes Lusófonos na China: questões culturais na Literatura de Viagem a partir de Maria Ondina Braga e António Graça de Abreu

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes, orientada pela Professora Doutora Maria de Fátima Outeirinho

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2023

Sumário

Declaração de honra	1
Agradecimentos	2
Resumo	3
Abstract	4
Introdução	5
1. Relações históricas e culturais entre literatura de viagem portuguesa e a China	15
1.1 Ligações históricas e culturais com a ex-colónia Macau	15
1.2 Encontro com a cultura diferente da China continental	20
2. Questões de <i>Self</i> e <i>Outro</i> da literatura de viagem	24
2.1 Imagens de Macau como <i>Outro</i>	24
2.2 Imagens da China continental como <i>Outro</i>	28
3. Literatura de viagem e contributos teóricos em estudos de cultura	33
3.1 Aplicabilidade da <i>cultural schema theory</i> à literatura de viagem	33
3.2 Literatura de viagem como testemunho do processo da negociação identitária	41
3.3 Literatura de viagem como testemunho do processo da tradução cultural	45
4. Literatura de viagem e Orientalismo, para pensar o futuro	51
4.1 Estudos relevantes, para pensar o Oriente	51
4.2 Contributos do Orientalismo para o estudo da literatura de viagem	54
Considerações Finais	59
Referências Bibliográficas	62

Declaração de honra

Declaro que o presente trabalho é da minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e autoplágio constitui um ilícito académico.

Porto, 18/07/2023

WANG JIANAN

Agradecimentos

À minha orientadora Maria de Fátima Outeirinho, que me dá o máximo de compreensão e suporte durante todo o meu processo da redação deste trabalho, desde a seleção do tema à finalização da dissertação, estimulando o meu interesse pelo estudos da literatura de viagem e de cultura. Também prestou apoio incondicional aos trabalhos feitos durante o mestrado, que me permite alcançar muitos resultados académicos e grandes progressos, continuando a trabalhar no caminho da investigação académica.

À Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde passei dois anos inesquecíveis. Tive a oportunidade de estudar no estrangeiro num ambiente académico tão excelente, adquiri um estudo especializado e sistemático, com o qual aprendi não só conhecimentos académicos, mas também uma base sólida para os meus estudos futuros e carreira profissional. Esta é uma experiência que nunca esquecerei.

A todos os professores e amigos que encontro no Porto, que é a minha cidade portuguesa favorita, cidade clássica, tranquila e linda. Eles são sempre prestáveis quando preciso de ajuda, e fornecem-me tanto carinho e tanta companhia, que constroem as melhores memórias da minha vida.

Aos meus pais, que dedicam tudo à minha carreira académica e me suportam tanto financeiramente como espiritualmente. O amor e a confiança deles motivam-me sempre e dão-me muita coragem para ultrapassar todos os obstáculos.

Resumo

Na literatura de viagem portuguesa, o Extremo Oriente é sempre descrito como um mundo misterioso, romântico, mas cheio de desconhecimento. A China como um grande país oriental, está inextricavelmente ligado a Portugal. Por um lado, a Região Administrativa Especial de Macau da China é um significativo reduto histórico de Portugal na Ásia, ligando diretamente o mundo português e asiático. Para os portugueses, mantém-se aqui uma parte de *Self*; mas, por outro lado, na história da China continental, não existem tantas pegadas portuguesas, pode dizer que a China continental simboliza uma figura de exotismo e estranheza que os viajantes portugueses enfrentam. Ora, as obras de literatura de viagem portuguesas sobre Macau e a China continental manifestam simultaneamente, temas substantivos do Eu e do Outro, assim como aspetos relativos às questões culturais e ao Orientalismo.

É neste contexto que este trabalho desenvolve uma investigação na base de duas obras, *Passagem do Cabo*, de Maria Ondina Braga, e *Toda a China*, de António Graça de Abreu. Estas obras integram a literatura de viagem portuguesa do século XX, e os dois autores são portugueses que possuem experiências de viagem em Macau e na China continental. Além disso, ambas as obras demonstram relacionamentos históricos e culturais entre literatura de viagem portuguesa e o Oriente, bem como questões sobre o Eu e o Outro. A dissertação tenta analisar as diferenças entre viagens dos autores para estes dois locais, investigando o funcionamento da literatura de viagem portuguesa no que respeita às questões culturais, e à possibilidade de combinar este género literário com outros estudos, como por exemplo, *cultural schema theory*, negociação identitária e tradução cultural. Finalmente, a dissertação chega à conclusão que o estudo da literatura de viagem não se limita apenas à área literária e artística, mas também pode ser combinada com vários campos de estudo, abrangendo mais espaços de investigação.

Palavras-chave: Literatura de Viagem Portuguesa; Questões Culturais; Orientalismo; Região Administrativa Especial de Macau; China Continental

Abstract

In Portuguese travel literature, the Far East is always described as a mysterious, romantic, yet unknown world, China, as a great oriental country, is inextricably linked with Portugal. On the one hand, the Macao Special Administrative Region of China was a significant historical stronghold of Portugal in Asia, directly linking the Portuguese and Asian worlds. For the portuguese, a part of *Self* remains here; but, on the other hand, in the history of mainland China, there are not so many portuguese footprints, you could say that mainland China symbolizes a figure of exoticism and strangeness that portuguese travelers face. However, portuguese travel literature about Macao and mainland China simultaneously manifest substantive themes of Self and Other as well as aspects of cultural issues and Orientalism.

In this context, this paper develops an investigation on the basis of two works, *Passagem do Cabo* by Maria Ondina Braga and *Toda a China* by António Graça de Abreu. These works are part of 20th century portuguese travel literature, and both authors are portuguese who have travel experiences in Macao and mainland China. Furthermore, both works demonstrate historical and cultural relationships between portuguese travel literature and the Orient, as well as questions about the Self and the Other. The dissertation attempts to analyze the differences between the authors' journeys to these two places, investigating the functioning of portuguese travel literature with regard to cultural issues, and the possibility of combining this literary genre with other studies, such as *cultural schema theory*, identity negotiation, and tradução cultural. Finally, the dissertation comes to the conclusion that the study on travel literature is not only limited to the literary and artistic area, but it can also be combined with study of various fields, which still encompasses more research spaces.

Keywords: Portuguese Travel Literature; Cultural Issues; Orientalism; Macao Special Administrative Region; Mainland China

Introdução

Contexto da investigação

Desde os tempos mais antigos, o ser humano é motivado pela exploração do mundo desconhecido, e as viagens são maneiras priorizadas para concretizar este sonho. Contudo, embora os intuitos de viagens sejam diversos, os resultados da viagem terminam com a descoberta do Outro, do mundo, e o estabelecimento de ligações entre os próprios viajantes e outras culturas, que também constituem um conhecimento aprofundado do mundo. E a literatura de viagem, enquanto género literário que surge dos deslocamentos reais, tem relacionamentos estreitos com vários campos de estudo. De acordo com Cristóvão (2002), tal é “devido, sobretudo, à sua natureza compósita e interdisciplinar de textos cruzados pela Literatura, História e Antropologia” (p. 16). Entre todos os campos de estudo, o mais proeminente será o da investigação intercultural.

Na era dos Descobrimentos, quando os portugueses deram os primeiros passos para a abertura do mundo, as pegadas deles envolviam Ásia, África e América do Sul. Dentro destas viagens, nascem não apenas narrativas míticas de terras estranhas e personagens ficcionais, mas as viagens deles também incluem processos da comunicação intercultural e encontros culturais, especialmente depois do século XX, segundo o investigador Blanton (2002), período que é “heyday of travel literature” (p. xiii). O desenvolvimento técnico avançado promove a facilitação do transporte, criando ligações mais próximas entre Portugal e as terras colonizadas, o que estimula uma grande evolução da literatura de viagem. Na contemporaneidade, o funcionamento da literatura de viagem não é apenas um registo da experiência de viagem ou paisagem estrangeira, mas mais do que isso, é uma busca interior dos próprios escritores-viajantes. As obras da literatura de viagem estão disponíveis para criar “a place where other cultures can have their say; a place where self and other can explore each other’s fictions” (*ibid*, p. 29). Como resultado, através destas obras, os escritores-viajantes mostram uma dimensão de

autoconhecimento e expressam-se sobre si próprios. Além disso, viajar para diferentes destinos pode aumentar a compreensão mais profunda de múltiplas culturas. Os destinos diversos para escritores-viajantes, como por exemplo, os que viajam para as antigas colónias portuguesas e para locais com cultura diferente, conduz a divergências bastante significativas. O que também justifica um propósito para analisar questões culturais apresentadas pelas obras da literatura de viagem portuguesa, especificamente as diferenças entre estas deslocações para destinos diversos.

Para efetuar investigações sobre o tema, este trabalho debruça-se sobre obras relativas à Região Administrativa Especial de Macau e à China continental, porque elas possuem conteúdos adequados e valores produtivos para estudos de questões orientalistas. Durante meio século no domínio português, Macau possui laços históricos mais próximos com a sociedade portuguesa, tendo tido o papel de fortaleza portuguesa na Ásia. No entanto, no que diz respeito à China continental, dentro das obras da literatura de viagem, observa-se que ainda é pouco conhecida, pelo menos para a maioria dos viajantes portugueses; para eles, este local simboliza “um lugar de romance, de seres exóticos, de memórias e paisagens obsessivas, de experiências notáveis” (Said, 1990, p. 13). O conjunto complexo das reações que os autores portugueses manifestam diante da imensa diversidade cultural, contribui no plano académico, para o desenvolvimento do estudo da literatura de viagem e das questões culturais, e assim para a investigação em torno de relação com o Oriente.

Mais, observa-se que por causa das barreiras linguísticas e outros limites do estudo, a investigação existente ligada à literatura de viagem e questões orientais está mais concentrada na zona do Médio Oriente, por exemplo, na península da Arábia. Assim, ainda existem muitos espaços da investigação para o Extremo Oriente. Por isso, surge a motivação para a elaboração desta dissertação, que tem intenção de pesquisar se os comportamentos e as narrações do mundo psicológico exibidos pelos escritores-viajantes podem ser abordados pelas teorias de outros campos de pesquisa, provando ainda

que existe a possibilidade de combinar a literatura de viagem com vários domínios de estudo.

Justificações para a seleção de obras e seus conteúdos principais

No que diz respeito à seleção do *corpus* da investigação, a escolha das obras corresponde aos critérios seguintes para garantir a objetividade da pesquisa e o rigor da investigação científica.

Em primeiro lugar, as obras devem pertencer à literatura de viagem; ambos os autores devem ter nacionalidade portuguesa; as obras têm que ser do século XX, e devem destacar mais uma busca espiritual através da experiência da viagem e emoção pessoal, “offer the writer a way to show the effects of his or her own presence in a foreign country and to expose the arbitrariness of truth and the absence of norms” (Blanton, 2002, p. 27). Em segundo lugar, os escritores-viajantes têm que apresentar deslocamentos reais em Macau e na China continental, para conseguir efetuar uma comparação entre diferentes perspectivas culturais nascidas das viagens.

Consequentemente, face a estes critérios, as obras escolhidas para esta dissertação são: *Passagem do Cabo* de Maria Ondina Braga e *Toda a China* de António Graça de Abreu. Em seguida, apresentam-se brevemente os conteúdos principais das obras.

Passagem do Cabo de Maria Ondina Braga foi publicada em 1994, e está estreitamente relacionada com a obra *Eu Vim para Ver a Terra* desta escritora, publicada em 1961, que mantém uma ligação próxima com o império colonial português. De acordo com Carmo (2019), na sua obra, “convém precisar que a literatura colonial evoluiu nos temas e nas formas de escrita, no seguimento da matriz da literatura de viagens como exploração” (p. 29). Como um trabalho típico da literatura de viagem, constata-se ainda “uma constante deslocamento, física, mental e emocional nos espaços e nos tempos *existenciais*” (Mateus & Martins, 2019, p. xiii). Ao descrever Macau, o livro de Maria Ondina Braga

demonstra características da sociedade chinesa nos anos 60 do século XX, o que a autora experienciou e observou na vida como professora em Macau. Além disso, o seu trabalho também é relevante no âmbito da literatura de viagem de autoria feminina, que é rara no seu tempo, neste aspeto, possui mais valores para a análise literária.

Toda a China de António Graça de Abreu apresenta uma narrativa da sua viagem real, publicada em 2013, em dois volumes. O escritor faz uma viagem por toda a China, o que é verdadeiramente raro para um viajante ocidental. A obra não apenas descreve as paisagens exóticas encontradas, mas também apresenta muitos contextos históricos e a profundidade da cultura chinesa, bem como detalhes do intercâmbio cultural entre o próprio escritor-viajante e uma civilização de grande diversidade, o que mostra as situações mais autênticas sobre a sociedade e o povo da China na época moderna, possuindo então esta obra um grau de valor para estudo e significados de referência, ambos da área literária e cultural.

Objetivos do trabalho e metodologia da investigação

Tendo por base estas duas obras, o trabalho tenta elaborar um estudo profundo sobre o funcionamento da literatura de viagem no que toca a questões culturais. Deve-se salientar que a definição específica do termo “cultura” inclui uma conotação rica, mas combinando os objetivos deste trabalho, aqui a palavra “cultura” refere-se às crenças, costumes, estéticas artísticas, aos valores ideológicos e às formas de pensar como, por exemplo, a tradição nacional, que pertencem a um determinado país ou região.

Assim, o trabalho vai fazer uma comparação com os relacionamentos históricos e culturais diferentes manifestados por estes exemplos da literatura de viagem, bem como os comportamentos divergentes dos escritores-viajantes deste género literário e as imagens diferentes de figuras do Outro constituídas nas trajetórias para Macau e para a China continental.

Para além disso, esta dissertação pretende investigar quais são os fatores que influenciam a formação destas diversas perspetivas culturais, explorando

a possibilidade de analisar as obras de literatura de viagem sob orientação da *cultural schema theory*, negociação identitária e tradução cultural, procurando provar que os conteúdos das obras da literatura de viagem podem ser investigados sob estas teorias; tal significa que é possível alargar o espaço da pesquisa da literatura de viagem, e utilizar teorias de outros campos de estudo que não apenas os estudos literários para a investigação nesta área.

Enfim, a dissertação tenta avançar para as relações entre estudo do Orientalismo e da literatura de viagem, analisando os estudos relevantes anteriores e as limitações do pensamento orientalista, relativamente às questões orientais na literatura de viagem.

Este trabalho centra-se no método da pesquisa bibliográfica e estudo de caso, referindo-se às principais conclusões de autores anteriores e teorias citadas no estudo prático. Num primeiro momento, reúne a literatura bibliográfica sobre literatura de viagem e perspectivas culturais e as utiliza, por sua vez, como base da investigação; num segundo momento, trata-se da análise de duas obras, para explorar as relações históricas e culturais manifestadas pela literatura de viagem, e os conteúdos culturais relativos à imagem de Macau e da China continental segundo os Outros.

Estrutura e capítulos principais da dissertação

Este trabalho é dividido em quatro capítulos principais.

Em primeiro lugar, atentamos no contexto e valor deste estudo, bem como as razões de escolha destas duas obras, os conteúdos principais e as referências bibliográficas. Assim, o primeiro capítulo analisa os conteúdos das obras e compara adequadamente as diferentes perspectivas culturais manifestadas pelas obras da literatura de viagem. Sobre Macau, o trabalho vai explorar como este lugar desperta as memórias guardadas na época colonial e os relacionamentos históricos e culturais apresentados pelas obras. Já quando se trata de encontrar outra cultura que não é bem conhecida para a sociedade ocidental na China continental, este trabalho analisa as formas como os viajantes portugueses conhecem a nova cultura.

O segundo capítulo investiga principalmente as reações dos viajantes perante as culturas diferentes, analisando questões do *Self* e do *Outro*, e as imagens expostas sobre Macau, interpretando ainda a sensação de “desconhecimento” e “estranheza” evocada pela figura da China continental, sendo a China continental a imagem do *Outro*.

O terceiro capítulo concentra-se em *cultural schema theory*, negociação identitária e tradução cultural. A dissertação aborda os estudos com base na *cultural schema theory* para investigar se os conteúdos das obras da literatura de viagem são adaptados aos modelos desta teoria, procurando assim provar que as questões da literatura de viagem podem ser analisadas de uma perspetiva literária, mas também através de outros contributos teóricos no âmbito dos estudos de cultura. Por outro lado, o trabalho vai investigar a negociação da identidade cultural sob a orientação de teoria da negociação identitária (INT), e analisar a função de tradução cultural nas obras.

O último capítulo explora a função de literatura de viagem portuguesa no quadro da teoria do Orientalismo, assentando esta parte de análise principalmente na teoria orientalista de Said, para verificar como é que as obras de literatura de viagem se incorporam nos estudos orientalistas, ou seja, como é que estas teorias funcionam nas obras e o papel desempenhado por literatura de viagem na promoção da evolução deste campo de estudo. Além do mais, é notável que em certa medida, as teorias orientalistas são limitadas pelo seu preconceito e, à medida que os laços entre o Oriente e o Ocidente se tornam mais interligados, deve-se estabelecer uma relação intercultural justa e diversificada, permitindo que os viajantes registem as passagens de uma forma mais objetiva e realista e assegurando o progresso sustentável da literatura de viagem.

Revisão bibliográfica e bases teóricas

Nesta etapa, faz-se um resumo dos estudos anteriores realizados por outros investigadores, e as referências teóricas relativas à literatura de viagem e às questões culturais nas quais este trabalho assenta, e que são as

seguintes: Literatura de viagem e questões do Eu e do Outro; investigações sobre obras de Maria Ondina Braga; literatura de viagem e Orientalismo; *Cultural Schema Theory*; teoria da negociação identitária (INT); e teoria da tradução cultural.

Dentro disso, *Travel Writing - The Self and The World* (Blanton, 2002), e *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens - Estudos e Bibliografias* (Cristóvão, 2002), são para este trabalho duas obras centrais. Dentro destes trabalhos, os investigadores realizam vários estudos numa visão completa sobre o campo de estudo da literatura de viagem. Além disso, este trabalho presta mais atenção ao estudo relativo à questão do *Self* e do Outro, que funciona como um tema mais típico nesta área de investigação. Esta dissertação apoia-se também nos resultados dos estudos de Outeirinho (2003), Laranjeira (2020) e Mór (2008), que constituem a base crítica deste trabalho, fornecendo métodos quanto a analisar representações do Outro nas obras literárias, sendo então suportes críticos para este trabalho já que se trata de investigar as imagens de Macau e da China continental como Outro, na perspetiva dos escritores-viajantes ocidentais. Quanto à pesquisa das questões culturais, o trabalho é orientado pelas teorias de Hall (2006), que desenvolve investigação com papel de liderança nesta área. Referencia-se principalmente, o seu trabalho *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, com o objetivo de analisar funções de identidade cultural nas obras da literatura de viagem.

Quanto à prática das teorias de Hall (2006) na análise literária e à pesquisa mais sistemática do estudo cultural, o trabalho referencia ainda os trabalhos de Baptista (2009), Zorzi (2012) e o trabalho feito por Leite (et al., 2004). Para além disso, o trabalho referencia ensaios de investigadores como Vecchio (2021), Branco (2019), Boaventura (1998) e Sousa (2017), sobre a literatura pós-colonial e ligações com a literatura de viagem, incluindo a questão da identidade cultural e os laços com as ex-colónias portuguesas, proporcionando suporte a este trabalho.

É inegável que já existem muitos estudos detalhados sobre a obra de Maria Ondina Braga, contendo os assuntos de viagem, memória, identidade e intercâmbio cultural. Entre estas referências bibliográficas, o trabalho de Silva (2013) conclui em geral os aspetos da obra desta escritora que possuem valor científico para a investigação, incluindo questões de identidade, emigração, confronto com a cultura exótica e comunicação entre mundo oriental e ocidental. Outras referências semelhantes são as do investigador Cordeiro (2019), que interpreta os conteúdos da obra de Braga; os seus estudos revelam, mais ainda, questões de tempo e espaço heterotópico, e comparações entre viagens para Angola, Goa e Macau, que simbolizam os diferentes sentimentos da autora na comunicação intercultural.

Além disso, para este trabalho, 3 volumes de ensaios são também referenciados. O primeiro livro, *Em Torno de Viagens e Outras Deslocações*, é publicado pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Universidade do Porto em 2020, realizado em colaboração com vários autores, organizado por Outeirinho & Gonçalo (2020). Neste trabalho são discutidos vários temas ligados às reflexões da deslocação e narrativas autobiográficas da escritora Maria Ondina Braga, e a combinação das obras dela com a literatura de viagem. Os outros estudos, *Maria Ondina Braga (Re) leituras de uma obra* (Mateus & Martins, 2017) e *Maria Ondina Braga: Viagens e Culturas em Diálogo* (Mateus & Martins, 2019), coordenado principalmente pelos investigadores Mateus e Martins, estabelecem uma estrutura abrangente da investigação desta área, contendo os artigos que analisam não apenas assuntos de deslocação, paisagens exóticas e encontros transculturais, mas também incluem discussões sobre temas de identidade, memória e migração.

Destacamos agora referências e contributos teóricos necessários para completar o estudo do Orientalismo, e de representações do Orientalismo dentro das obras. No aspeto de pesquisa sobre história de navegação portuguesa ao Oriente, o ensaio de Loureiro (2002) e de Araújo (2002) completa as informações da expansão marítima e do contexto histórico para este trabalho.

Nesta parte, as teorias citadas principalmente são do investigador Said; surgem no seu trabalho *Orientalismo - Oriente como invenção do Ocidente* (Said, 1990). Pode-se considerar que este trabalho funda a estrutura teórica original dos estudos orientais, torna-se um trabalho inovador e fornece as inspirações iniciais para outras pesquisas expandidas neste campo. Mais, esta dissertação refere-se principalmente às seguintes pesquisas, para analisar os laços entre mundo oriental e ocidental, como por exemplo, trabalho de Chaves (2013), e Duarte (2010), que servem para analisar os estereótipos orientais na perspetiva ocidental, e a imagem do Oriente como Outro.

Procurando a hipótese de combinar a *cultural schema theory* e literatura de viagem, a dissertação tenta analisar se estes resultados de estudos podem ser praticados na literatura de viagem. Como tal, introduz a *cultural schema theory* como a principal teoria subjacente a esta investigação. Referindo-se principalmente ao conceito e a classificação de *cultural schema*, apresentado pela investigadora Nishida (2005). Para ela, o conceito de *schema*, que teve origem na filosofia e desde então tem sido amplamente utilizado nos campos da psicologia, sociologia e educação, refere-se geralmente ao quadro cognitivo e sistema que as pessoas têm acumulado através das suas experiências de vida. E *cultural schema theory* nasce quando este *schema theory* é utilizada nas pesquisas culturais, que ainda pode ser praticada profundamente na área de sociologia e intercâmbio cultural.

Fundado nos resultados de Nishida, o trabalho também faz referências a outros trabalhos dos estudiosos desta área, como por exemplo, ensaios de DiMaggio (1997) e Strandell (2017). Também há vários trabalhos dos investigadores chineses que contribuem para os valores académicos, porque dedicam esta teoria à prática do ensino e comunicação intercultural, de referência geralmente os trabalhos de Chen & Liu (2011).

Em termos do estudo de negociação identitária, a referência principal é do investigador Toomey (2005); citam-se as suas contribuições académicas sobre teoria de negociação identitária, especificamente as hipóteses nucleares

teóricas e os objetivos principais na prática desta teoria.

A teoria de negociação identitária (INT) defende que dentro da interação com outros, os indivíduos sempre possuem vontade positiva de dominar ou aceitar os valores e as representações culturais de um ambiente definido, nascem ainda inconscientemente sensações de pertença, com o fim de ser integrado numa sociedade estrangeira. E esta teoria enfatiza que “identity or reflective self-conception viewed as the explanatory mechanism for the intercultural communication progress” (Toomey, 2005, p. 217). Mais, este processo é mútuo, e funciona para conseguir um efeito positivo da comunicação intercultural, o objetivo é estabelecer as associações estáveis e confiantes entre os comunicadores de culturas divergentes.

Em matéria da investigação sobre tradução cultural, os trabalhos mais referidos pela dissertação são *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna* de Burke & Hsia (2008) e o ensaio de Pires (2008). Somos também de opinião que o tema de “tradução cultural” é utilizado quando o sujeito tenta descrever e transmitir as informações buscadas de outra cultura, dentro dos encontros culturais, o que demonstra um desejo de introduzir ou apresentar as situações de uma cultura para a outra, acontecendo sob um estímulo do exotismo. Considera-se que este sujeito carrega uma função de “tradutor” e “pessoa intermédia”, para estabelecer ligações entre a sua cultura de origem (cultura de partida) e uma cultura nova que se encontra (cultura de chegada), assim, a tradução cultural “pressupõe dois elementos, no mínimo, com identidades próprias, construídas com base na história, na língua e na religião, entre outros aspetos” (Pires, 2008, p. 2). Por fim, o trabalho também cita algumas das investigações sobre tradução cultural entre o mundo oriental e ocidental, com o fim de facilitar as investigações ligadas às duas obras. Os estudos bibliográficos desta parte são dos investigadores Batista (2009), Supardi (2008) e Maitland (2017).

1. Relações históricas e culturais entre literatura de viagem portuguesa e a China

A descrição da história e a cultura do destino viajado constitui conteúdo essencial da literatura de viagem, e é sempre incorporada nas atividades dos escritores-viajantes e apresentada nos seus escritos. A literatura de viagem reflete também mudança da história e cultura, e é a combinação estreita da literatura de viagem com a história e a cultura que alimenta este género literário. Todas as culturas têm as suas próprias características destacadas e manifestações regionais. Nos tempos modernos, a China continental e Macau têm histórias diferentes e têm símbolos culturais distintos, pelo que este capítulo se debruça sobre os relacionamentos históricos e culturais com estes dois locais, refletidos pelas duas obras.

1.1 Ligações históricas e culturais com a ex-colónia Macau

Tendo surgido e tendo-se desenvolvido como um género literário independente, o nascimento e avanço das investigações da literatura de viagem portuguesa mantêm relacionamentos inseparáveis com os percursos da época da expansão marítima e colonial. Dentro das obras de literatura de viagem, observa-se em primeiro um hibridismo de várias formas de registo; por exemplo, narração da passagem percorrida, combinando “literatura” e “viagem turística”, que inclui “a longa distância, a novidade encontrada, o reduzidíssimo número de testemunhas” (Cristóvão, 2002, p. 29), ou expressão de sentimentos de deslocação e sentimentos causados pelo exílio dos escritores-viajantes. Também se misturam nas obras, elementos básicos da literatura de viagem, como por exemplo: apresentação da história contextual e do topónimo, situação geográfica, mapa, etc, mais uma vez provando que a literatura de viagem é uma descrição e um registo das paisagens e civilizações vistas, com base em experiências de viagem reais, combinadas com a auto-explicação interior do narrador, num texto com marcas autobiográficas.

Considerando os conteúdos das obras dos escritores-viajantes

portugueses, as duas obras selecionadas contêm também descrições da ex-colónia, ou seja, Macau, exprimindo as ideias dos escritores-viajantes, que decorrem das ligações históricas e culturais com a antiga colónia.

E estas duas obras de literatura de viagem utilizam formas diferentes para apresentar isso, demonstrando também, as diferentes perspetivas dos autores por causa de conhecimentos diversos de viagens. Quando os escritores-viajantes chegam à Macau, as paisagens e os laços históricos e culturais com esta terra podem levá-los a olhar para si próprios e para a sua história de uma nova perspetiva e numa compreensão mais profunda do mundo do Outro. O trabalho do estudioso Vecchio (2021) confirma que

A partir do momento em que os registros são reapropriados por escritores-viajantes contemporâneos críticos ao sistema colonial ou provenientes das ex-colónias, é possível percebermos essa tendência ficcional para a refiguração das fontes textuais, reorientando historicamente os significados das narrativas de viagem através da representação literária do outro e do desconhecido. (p. 108)

Ambos os escritores-viajantes destacam uma ligação espiritual com um espaço, em virtude do relacionamento histórico, que se reflete claramente nas obras, especialmente nas descrições dos patrimónios culturais deixados no passado pelos portugueses, expressos nos sentimentos e nas emoções complexas evocados pela nostalgia, especialmente ao verem as suas próprias marcas culturais, uma espécie de recordação dos tempos que já não existem.

A escritora Braga por exemplo pergunta, “e os portugueses? O quê, aqui, os portugueses? Uns estranhos? Uns intrusos?” (Braga, 1994, p. 110). Esta ressonância emocional é provocada pelo relacionamento invisível entre a escritora e esta terra. Também evoca as suas outras experiências na Europa. Na verdade, aparecem de maneira semelhante ainda em Macau, criando uma sensação familiar e ligação psicológica: “Por dias de chuva fina e nevoeiro, Macau recorda-me Inglaterra. Melhor, apesar de tudo. Não tem tanto frio. Não é estrangeira” (Braga, 1994, p. 136). A situação é a mesma para o autor António Graça de Abreu, que escreve ao pisar nesta terra: “Como foi possível

estarmos aqui há quatro séculos e meio? Um nó a crescer na garganta, o coração a borbulhar sensível, a emoção toda num desvairo [sic]” (Abreu, 2013, p. 296). É uma busca da “memória” do povo português guardada em Macau; pode-se deduzir que esta “memória” dos escritores-viajantes portugueses é guardada ou rerepresentada na cidade do mundo oriental, que ilustra, invisivelmente, uma “saudade” e “tragédia” ligada à história e ao passado, bem como à época colonial.

Obviamente, também são observados nas obras, os valores ideológicos coloniais evocados pelos autores, misturando com uma espécie de sensação de desorientação sobre as próprias identidades quanto à perda do antigo império português, e ao pensamento relacionado com a época do passado e moderno, situando os autores numa espécie de desenvolvimento do tempo. Tal pode ser identificado quando Braga menciona “os landins do exército colonial” (Braga, 1994, p. 135) ou a denominação de “nossa Macau” de Abreu, evidentemente confirmando também esta relação histórica e cultural estabelecida na ideologia colonial. Confirmando ainda mais diretamente por Abreu quando escreve: “de maleta na mão, pisei gloriosamente, pela primeira vez, a terra dos portugueses na China, cidade do Nome de Deus de Macau” (Abreu, 2013, p. 296). E na cerimónia de transição de poderes em 1999, exclama que era “último dia da soberania portuguesa” (*ibid*, p. 299).

Conforme a dissertação da investigadora Carmo (2019), a versão mais antiga do livro *Passagem do Cabo, Eu Vim para Ver a Terra*, é criada como um meio de propaganda e com o fim de “disseminar a ideologia colonial do Estado Novo” (p. 18), e cada capítulo, desde Angola até Macau, serve para “iniciar uma secção ‘Crónica’ da colecção ‘Unidade’” (*ibid*). Assim é possível considerar que a iniciativa da escrita desta obra demonstra uma ligação direta à história e cultura da cidade de Macau. Estas experiências percorridas “levaram Maria Ondina Braga a dizer sobre si mesma e sobre o império português” (*ibid*, p. 19), mostrando ainda uma tristeza sobre a sua própria situação de exílio, daquilo que é relativamente a um sentimento de impotência por causa da aceleração histórica de perder o antigo sonho do império

português. Em outros capítulos deste livro, é observado “a defesa emocionada de uma portugalidade imperial, una e indivisível” (*ibid*, p. 21), ilustrando ainda as emoções complexas quando pisa na terra de Macau, tudo isso mistura com a sensação de solidão experimentada durante uma viagem distante da cultura de origem.

No que diz respeito à forma de narração, as obras *Passagem do Cabo e Toda a China* apresentam um *flashback* evocado pela deslocação constante da própria viajante, o que contribui para uma das características principais das duas obras. A narração sobre passagens percorridas e memórias do passado não segue rigorosamente a narração cronológica, na situação de Braga, o que constitui o estilo da narração pessoal destacada, mas demonstra ainda, o sentimento de confusão com a queda do império colonial, a mudança da época, e a perda das relações com a cidade Macau. Segundo a investigadora Maria Graciete Besse (2017),

A deslocação física e mental de Maria Ondina Braga revela-se antes de mais discursiva e implica uma lógica desterritorializante que interrompe o fluxo linear da existência para se oferecer à tensão entre identidade e alteridade. (p. 16)

Mais, esta ligação oculta não é apenas refletida pela nostalgia histórica, mas também num comportamento de busca constante, que é um ato subconsciente dos viajantes na viagem, observando as representações culturais que se relacionam com a cultura lusófona, e as ruínas históricas deixadas por portugueses. Lembra-se um exemplo da obra de Abreu: “as casas de dois andares assemelham-se aos prédios da Avenida Almeida Ribeiro, em Macau, a arquitetura tem mesmo traços europeus de finais do século XIX” (Abreu, 2014, p. 215).

Observa-se, ainda, uma tendência de separar Macau do passado e de Macau do presente, para conhecer esta cidade de modo novo na base histórica. No livro *Toda a China*, constata-se uma forte vontade do escritor de procurar os símbolos culturais da época passada, relacionados com a sua

própria cultura. Veja-se o seguinte exemplo: narrando uma experiência em 1981, quando o escritor tenta requisitar um livro em Xangai: “Pedi ao funcionário de serviço que me trouxesse livros e documentos em inglês ou em português sobre Aomen, 澳门, o nome chinês da nossa Macau” (Abreu, 2014, p. 247).

Depois disso, o funcionário confunde com os topónimos de duas cidades: O topónimo Aomen 澳门, que significa <porta da baía>, prestava-se a alguma confusão com Xiamen, 厦门, que se pode traduzir por <porta da mansão>, dado que ambas as cidades são portos de mar situados no Sul do Império Chinês. (*ibid*, p. 248)

Um fenómeno curioso é que, quando o autor tenta explicar ou indicar situações da China aos leitores, liga isso, inconscientemente, às informações relacionadas com Macau, talvez, por causa desta cidade lembram as passagens antigas dos portugueses, os escritores-viajantes da literatura de viagem identifiquem um sentido de familiaridade e dependência natural. Ou seja, esta relação histórica e cultural funciona como uma “motivação da exploração” e “zona de conforto psicológico” quando os escritores-viajantes portugueses encontram um lugar que não tem muitas ligações portuguesas. Um outro exemplo mais claro é uma apresentação da ilha de Hainan.

Lugar de passagem das nossas naus quinhentistas a caminho da China, do porto de Macau e do Japão, Hainan despertou a curiosidade e a cobiça dos primeiros portugueses expatriados pelo Extremo Oriente que, de quando em quando, eram o susto e o pasmo das populações costeiras. (*ibid*, p. 206)

Esta visão relacionada com as coisas mais familiares e cruzadas com a observação objetiva contribuem para uma marca própria da literatura de viagem, ao manifestar uma inclinação inconsciente para o estabelecimento de ligações entre as paisagens exóticas e coisas mais familiares, provando que existe uma ligação mental invisível entre os escritores-viajantes com Macau.

Enfim, são ainda notáveis as diferentes maneiras de expressão entre Maria Ondina Braga e António Graça de Abreu. Especialmente para Braga, na sua

obra enfatiza-se mais uma condição de “exiliência” (Nouss, 2016), trata-se de uma incerteza mental à frente do mundo desconhecido. Mas para Graça de Abreu, trata-se de apresentar mais uma análise e indicação bastante objetiva e detalhada de que experimentar. De qualquer maneira, ambos os escritores-viajantes utilizam as ligações históricas e culturais com Macau como um suporte psíquico quando efetuam os registos sobre as suas viagens.

1.2 Encontro com a cultura diferente da China continental

Sendo um país com uma vasta diversidade geográfica e cultural, a China continental possui um profundo património histórico e uma cultura rica. As diferentes culturas regionais e condições geográficas diferentes resultam dos vestígios históricos, das formas culturais, dos costumes sociais, da produção e do estilo de vida.

Por isso, a primeira reação quando os escritores-viajantes enfrentam a China continental, onde existem poucas pegadas portuguesas e menos relações históricas, assim nasce igualmente o sentido de estranheza e mistério. Tal é causado sobretudo pelo encontro de uma cultura que fica demasiado diferente da cultura de origem dos viajantes, uma cultura onde se contêm ainda poucas ligações com a sociedade ocidental. Nos escritos destes autores, não se fornece uma compreensão mais aprofundada da cultura chinesa continental, assim só podemos tomar contacto com os pensamentos interiores desenvolvidos nesses livros de viagens pelos narradores-viajantes.

Quanto maior for o contraste de cenário geográfico e paisagem humana, mais forte será a sensação de espanto e conflito face a divergências culturais provocadas por olhares exóticos. Este “olhar cultural” proporciona aos escritores-viajantes um estado como de “explorador”, e eles constroem uma perspetiva cultural completamente nova. Por estabelecerem laços com as diferentes culturas, existem normalmente contrastes culturais relativamente mais fortes.

Para a autora Maria Ondina Braga, este tipo de “choque cultural” acontece durante a sua deslocação do sul ao norte da China, até à capital do país, Pequim. Diante dela, Pequim parece uma sedução, comparando com a

Macau habitada, onde passou vinte anos: “A típica Macau de ruazinhas tortas e sujas, lojas e restaurantes porta-sim-porta-não, sam-lun-chés, tin-tins, pregões, salas de jogo” (Braga, 1994, p. 147), e os habitantes tímidos que encontra, que herdaram os caracteres introvertidos igualmente como a cultura lusófona. E a arquitetura das ruas é mantida num estilo semelhante ao de Portugal. Mas em Pequim, “ruas largas, retas, regulares, palácios majestosos, jardins dentro de jardins” e “pessoas tinham um sorriso mas pronto, um belo sorriso de dentes brancos” (*ibid*, pp. 147-148). E as comidas de Pequim substituem as refeições em Macau, esquisitas e bizarras, “o jiao-ze, trigo e milho a ocuparem na mesa o lugar do arroz. Outros hábitos” (*ibid*).

Do mesmo modo, nas obras de Graça de Abreu, ele fala de si próprio como “sinólogo”, com vista a fazer observação e investigação deste mundo desconhecido. Pensa e entende mais profundamente o que acontece nesta terra distante para a sociedade ocidental; mantém uma atitude relativamente neutra e objetiva que lhe permite afastar-se por um momento dos valores ideológicos da sua cultura de origem, e registar fielmente a sua reflexão sobre o Outro tal como ele o sente e vê, fornecendo um relato detalhado de pessoas e costumes que encontra nas suas viagens, bem como os contextos históricos por detrás destes assuntos.

Numa investigação sobre o autor Paul Theroux, um escritor norte-americano bastante famoso na área do estudo da literatura de viagem, o estudioso Braga (2011) define que uma das suas estratégias narrativas é a exploração do: “Interstício narrativo entre o facto jornalístico, a ficção dos romances e a autobiografia” (p. 3). Mesmo que não seja encontrada a mesma abordagem da ficção do romance no livro *Toda a China*, António Graça de Abreu faz descrições autênticas do que passa por diante dos olhos do viajante, indicando os factos observados com a mesma maneira do Paul Theroux. Para ele, esta terra, distante e pouco explorada, é remota, antiga e vasta, alimentando a sua ambição de explorar o continente, e fica bastante orgulhoso de ser um dos poucos viajantes ocidentais a explorar esta terra: “Descobrirá porventura o prazer de caminhar comigo de cidade em cidade, de província

em província...de sentir o pulsar da China de ontem, de hoje, de sempre. Com o nosso Portugal distante, e tão perto” (Abreu, 2013, p. 21).

No seu livro, é enfatizada e destacada esta sensação de estranheza, para o escritor tudo parece também “estranho”, os nomes das cidades, as comidas e tratamentos entre as pessoas locais, os costumes da cultura de massa, etc. Este sentimento aparece frequentemente em quase todos os capítulos, acompanhando os momentos de encontro com os desconhecidos, também demonstrando a curiosidade e o desejo de exploração.

Além disso, uma outra questão, demonstrada pelas obras *Passagem do Cabo* e *Toda a China*, tem a ver com um sentido mais forte de desenraizamento, muito especialmente dentro dos processos de deslocação e encontros com um sistema cultural mais distante, quando um sujeito viaja sozinho, ficando com grupo de pessoas que pertencem a uma etnia diferente, e estando longe dos seus laços sociais originais. Normalmente, nasce assim uma sensação de isolamento e solidão mais forte, que é diferente dos sentimentos experimentados em Macau, porque nesta situação entra-se num ambiente em que não existem representações culturais familiares. Um exemplo que bem ilustra isto acontece no momento em que o escritor Graça de Abreu é rodeado pelas crianças locais, eles ficam cheios de curiosidade sobre ele, batendo palmas, saltando e chamando-lhe “americano” em chinês. O escritor tenta explicar que ele vem da Europa, mas visivelmente as crianças não conseguem entender esta noção, nem as palavras do escritor, porque para eles, todos os estrangeiros são americanos. Esta barreira cultural e o dilema da incapacidade de comunicação causam inevitavelmente sentimentos de constrangimento e de embaraço para o autor. O mesmo acontece na obra da Braga, em que se descobre um diálogo entre “diferentes olhares e distintas experiências” (Mateus, 2020):

O olhar da turista de passagem por certos locais, o olhar da viajante solitária demorando-se sobre a paisagem e as gentes, o olhar atento e simultaneamente estranho da emigrante confrontada com a experiência da alteridade ou mesmo, em certa medida, o olhar desterritorializado, estrangeiro,

de quem vive a experiência do (auto) exílio. (p. 39)

Por conseguinte, a literatura de viagem permite dar a ver que um destino de viagem demasiado diferente da cultura de origem do viajante e sem ligações culturais, cria uma sensação de isolamento psicológico e de diferença aos viajantes, afetando os sentimentos e as perceções das pessoas em relação à alteridade, o que nos conduz ao capítulo seguinte sobre a imagem do Outro.

2. Questões de *Self* e Outro da literatura de viagem

De acordo com Blanton, a literatura de viagem dá conta do processo de observação do sujeito-viajante face ao mundo dos Outro, ou seja, as obras têm a ver com “interplay between observer and observed” (Blanton, 2002, p. 5). E neste caso, o sujeito que realiza o ato de observação é designado por Eu, obviamente a alteridade enfrentada é tratada como parte do Outro, porque é bem conhecido que dentro das obras da literatura de viagem, a descrição da alteridade e narrativa da paisagem exótica apresentam imagens de Outro. De acordo com Outeirinho (2005), “a crónica de viagem não se singulariza apenas como palavra do Eu sobre o Outro, mas também enquanto palavra para outros e, por esse motivo, a interpelação do destinatário funcionará como *leitmotiv* da narrativa de viagem” (p. 103). Dentro das obras, constata-se a existência de apresentar esta questão, e de imagens diferentes construídas sobre Macau e a China continental que se querem ver partilhadas.

2.1 Imagens de Macau como Outro

Quanto às imagens de Macau como Outro, Macau é especial na medida em que, enquanto carregando as relações históricas e culturais referidas no capítulo anterior, para os autores também simboliza um lugar distante e misterioso. Assume uma figura de mundo do Outro nas obras. Ao viajar para este espaço, os escritores-viajantes produzem interações entre *si* e o Outro.

Em primeiro lugar, como já foi mencionado, nas obras, existe uma tendência da busca das relações históricas e culturais existentes entre Portugal e Macau, provando que estes escritores-viajantes portugueses descrevem as imagens de Macau de uma perspetiva cultural portuguesa, ou seja, as imagens de Macau refletem não apenas a existência de portugueses na Ásia, mas também os ajuda a conhecer a eles próprios a partir do Outro, especialmente quando confrontados com os símbolos culturais misturados do mundo chinês e europeu. Segundo Outeirinho (2005), “o modo como o Outro vê Portugal...estimula uma reflexão sobre o país de origem que resulta em apelo, permitindo-nos aceder à imagem que o Eu tem de si próprio” (p. 106).

Entretanto, face ao mundo oriental, um sentimento que surge mais proeminente é uma sensação de estranhamento ao tratar da alteridade, incluindo a curiosidade e novidade face à terra distante e desconhecida, bem como encontro com as tradições orientais e paisagens estrangeiras.

Assim, por exemplo, de acordo com a narração pela obra, é constatável uma desorientação causada por uma colisão entre o mundo familiar e o “estranho”, quando os alunos em Pequim parecem espantados com o cantonês, “como se se tratasse de uma língua estrangeira” (Braga, 1994, p. 148). Nesta situação, o dialeto de Macau representa a sua cultura como o Eu, em contacto e colisão com o Outro. Mesmo sendo um lugar que possui ligações próximas com a cultura portuguesa, mantém ainda este impulso fundamental da viagem e vontade de tomar contacto com o Outro, provocando uma primeira reação no encontro com a comunidade oriental. Identifica-se isto em ambas as obras. Em *Passagem do Cabo*, a escritora confirma diretamente, “eu que viera a Macau movida pelo sonho do Extremo Oriente” (Braga, 1994, p. 143), para atender à sua “curiosidade” e “inclinação pelo povo chinês, a sua História, a sua sabedoria” (*ibid*, p. 158), incluindo uma exploração ativa, motivada pela sua “curiosidade pelo Porto Interior” (*ibid*, p. 140). E em *Graça de Abreu*, tal expressa-se mais diretamente, dizendo que as pessoas encontradas “eram outras, o dialecto também, no ar tépido e húmido respiravam-se cheiros, miasmas e realidades bem diferentes” (Abreu, 2013, p. 296).

As descrições sobre os templos budistas e mercados locais, as tradições do ano novo chinês, os mitos de feitiço e até as maneiras estranhas do tratamento médico são apresentados com pormenor nas obras, criando uma figura de Macau, cujos aspetos mais típicos correspondem às impressões de sociedade ocidental perante o mundo oriental, um lugar amistoso, antigo e que pertence a um universo de desconhecimento.

Obviamente, ao mesmo tempo, também se encontram as imagens negativas que inevitavelmente surgem porque “estamos perante uma imagem

ideológica em que a representação do outro é redutora porque corresponde ao estereótipo ou cliché” (Mendes *apud* Laranjeira, 2020, pp. 719). Para a investigadora Mateus (2020), “desafiar estereótipos, crenças, tabus e questionar verdades, são as razões de viajar de Maria Ondina, a matéria de que é feita a sua vida” (p. 48).

Aqui se dão alguns exemplos mais típicos na obra de Braga. No momento que a escritora Ondina Braga testemunha a cena em que as pessoas “curvaram-se sob a canga dos carregamentos, mulheres e velhos a corricar em fila como formigas” (Braga, 1994, p. 102), questiona-se como é Macau, e “começava de certo modo a decepcionar-me destas civilizações” (*ibid*), o que demonstra ainda, embora não seja óbvia, uma atitude de superioridade e impressões negativas relativas ao povo macaense. Outro estereótipo aparece relativamente à mulher oriental, que dá impressões à escritora de “sua docilidade” e “obediência” (*ibid*, p. 103). Além disso, pode-se ainda observar uma sensação de alerta e vigilância, bem como uma tristeza e compaixão, normalmente quando uma mulher viajante toma contacto com um povo que lhe parece pobre e estranho. Lembre-se, em seguida, uma outra cena, quando um menino cego a procura apalpar e cheirar, a escritora “estremece” e “entristece”, por ter a ideia que o rapaz talvez esteja a “adivinhar [*nela*] a alma de diaba-ocidental” (*ibid*, p. 112). Mais, observa-se nas obras que o clima e ambiente totalmente desconhecido causa mais obstáculos para os escritores-viajantes da literatura de viagem ultrapassarem, especialmente ao viverem em sítios “superpovoados e sujos”, bem como nas “ruas imundas” do Extremo Oriente (*ibid*, 119-120).

Um outro aspeto sobre a imagem de Macau, está ligado a efeitos da narrativa memorialista e autobiográfica da obra, já mencionado anteriormente, esta narrativa, cronologicamente interrompida, cria uma impressão instável e sensação de solidão, mostrando que os viajantes ficam numa situação desestabilizada. Segundo Outeirinho (2017), a obra *Passagem do Cabo* estabelece na base de um “processo de rememoração assente em dois eixos: o tempo e o espaço” (p. 120). E “a deslocação no espaço desencadeia uma

deslocação na memória e, por consequência, uma deslocação no tempo...” (*ibid*). Igualmente com a obra de Abreu, na sua narração, é possível observar esta evocação repetida da memória anterior. As várias viagens para Macau deram-lhe uma perspetiva diferente da cidade, e as suas memórias de Macau são intercaladas com diferentes períodos de tempo. De outra maneira, dando a Macau uma identidade do Outro, Macau é um espaço em constante mudança e evolução. O autor está ligado à terra pela sua própria cultura e, ao mesmo tempo, tem um sentimento de estranheza; para os viajantes, verifica-se também que a viagem é uma fonte de sentimento de exílio.

Para ilustrar isso, vejamos um outro exemplo de Braga, em que a escritora faz uma comparação entre a chuva de Angola e de Macau: “Chuva violenta e passageira de terra jovem, a de Angola, enquanto aqui... Aqui uma chuva ensimesmada, quase silenciosa, um ping-ping persistente e vagaroso de um mundo quatro vezes milenário” (Braga, 1994, p. 114), ao mencionar de forma implícita “minha experiência de Angola”, face à paisagem de Macau, indicando uma imagem de Macau como Outro, mas também expressando os sentimentos causados pela emigração e incerteza experimentados pela viajante.

Ainda mais importante é que, no final, este tipo de memória dos escritores-viajantes torna-se uma parte de *si* depois de vinte e cinco anos. Ambos os escritores-viajantes mencionam Coloane, e expressam os sentimentos deles quando no caminho de regresso a Coloane, a escritora apresenta as sensações de “meditação, confesso, cúmplice do medo”, questionando “como seria Coloane nos dias de hoje?” e esforçando-se “por confirmar nos meandros da memória a paisagem de Outrora” (Braga, 1994, p. 152). E para Abreu, Coloane simboliza “um sonho antigo de Macau, longe desses arranha-céus, distante da confusão da cidade, mas sempre com os pés ao lado, dentro de Macau. O perpassar dos dias” (Abreu, 2013, p. 303). Então, neste sentido, a figura do Outro é transformada em parte de *si*, assim, a imagem de Macau é especial, porque se guardam de Macau uma memória que provoca o sentimento de saudade e nostalgia desta cidade oriental, numa

comparação entre “Macau de passado” e “Macau de hoje”.

Apesar das imagens dos anos 60 da cidade Macau já se tornarem uma parte íntima e familiar do *Self*, os sentimentos de confusão e exílio evocados por este espaço mantêm-se. A escritora pergunta: “hoje Macau, rei do trânsito terrestre, quem diria, Macau?” (Braga, 1994, p. 163); o mesmo sucedendo com Abreu, que expressa: “que confusão me fez a cidade do Nome de Deus na China! E continua a fazer hoje, depois de chegar mais umas vinte vezes a Macau...”(Abreu, 2013, p. 297)

2.2 Imagens da China continental como Outro

No que diz respeito às imagens da China continental como Outro, ao contrário da imagem de Macau construída anteriormente, os autores utilizam construções temporais e espaciais que acentuam características como a imensidão, a antiguidade, a distância e o mistério da China continental. Segundo a opinião de Zhang, um investigador chinês na área do comparatismo e da literatura de viagem, há duas maneiras para os escritores-viajantes de literatura de viagem descreverem as relações entre o *self* e o Outro. A primeira é: “Para além da técnica de ‘naturalização’ utilizada pelo autor para descrever um lugar exótico com o qual não está familiarizado, o autor recorre também à ‘alteridade’, o efeito de ‘estranhamento’ provocado pela perspectiva do Outro, a fim de actualizar a sua autopercepção”¹ (Zhang, 2021, p. 52).

O segundo está exatamente relacionado com a narração sobre o espaço e tempo, que “são os elementos básicos para a percepção da paisagem humana, e constituem para todas as estruturas narrativas fundamentais da literatura, incluindo a literatura de viagem”² (*ibid*, p. 213). Os escritores-viajantes da literatura de viagem sempre constroem as imagens do Outro

¹ Texto original: 除了通过“归化”的手法来描述他所不熟悉的异域风情之外,作者还通过引“他者性”,借助他者视角造成的“异化”(defamiliarization, 一译陌生化)效果,来达到更新自我认知的目的, (Zhang, 2021, p. 52). Tradução minha .

² Texto original: 时间和空间是人类感知世界的基本模式,也是包括旅行文学在内的所有文学的基本叙事结构, (Zhang, 2021, p. 213). Tradução minha.

através da narrativa de deslocamentos do viajante, construindo a mudança de espaço e tempo. Neste processo, os movimentos de deslocamento levam à modificação da perspectiva dos leitores, ligando, ao mesmo tempo, o mundo externo e o sentimento interno do próprio autor.

Em ensaio de Outeirinho, apresentam-se opiniões semelhantes e cita-se os resultados de análise do investigador Lorenzo (*apud* Outeirinho, 2020):

Na verdade, os textos de viagem medeiam o conhecimento real do espaço do Outro, e são por isso possibilidade de abordagem da alteridade, mesmo que sabendo, da natureza condicionada e relativa de toda a abordagem da alteridade cultural. (Lorenzo *apud* Outeirinho, 2020, p. 65)

Ambas as obras demonstram esta progressão de transformação espacial, e refinamento da sua perspectiva na construção de si próprio. Este ainda é o processo que se encontra na alteração das perspectivas do Eu e do Outro. Por exemplo, tal observa-se com frequência nas seguintes ocorrências, que para além da funcionarem com marcas espaciais, indicando um percurso, simultaneamente também indicam o movimento que vai do Eu para o Outro. O que acontece em Ondina Braga como uso “de...a” ou, por exemplo, acabar de chegar do sul para norte da China até ao seu destino, mostrando o processo de extensão do território e do espaço das suas viagens. E no livro de António Graça de Abreu, cada capítulo fala de viagens de uma província da China continental, e introduz o que o autor aprende sobre o contexto da história, cultura e costumes locais. Por assim dizer, esta narração demonstra um progresso de quebrar as fronteiras geográficas do espaço, informando assim o leitor da diversidade cultural e do estranho mistério da China continental, que também constitui a primeira impressão sobre um Outro que possui características gigantescas e distantes.

Outra manifestação desta forma de construir a imagem da China continental, é que o autor conclui cada capítulo com os mapas da província. Segundo Zhang (2021):

Os mapas são os pontos de partida da imaginação espacial...os mapas

forneem-nos um modelo em miniatura do mundo, permitindo-nos apreendê-los na nossa imaginação, controlá-los mentalmente, mesmo conquistá-los. Neste sentido, poderemos dizer que os mapas precedem o espaço, e não é contrário³. (p. 300)

Ao mesmo tempo, podemos identificar o conceito de “espaço de transição”⁴ (*ibid*) nas obras, tal como explicado por este investigador. No processo de transição entre espaços, é necessário prestar atenção ao espaço caracterizado pela sua natureza transitória, temporária e episódica. Este espaço reflete exatamente o estado psicológico do autor e proporciona uma pequena “janela” para o mundo do Outro. Este espaço de transição também vale a pena analisar, e pode ser observado nas obras.

Na viagem de barco de Maria Ondina Braga para sair de Hong Kong rumo a Macau, o “barco” simboliza um espaço incerto, errante e instável, refletindo os sentimentos de exílio e solidão. “Donde a minha decisão de caminhar. Caminhar à sorte, sem pressa nem destino, mas sempre, sem parar” (Braga, 1994, p. 101). Esta imagem literária do “barco”, fica também em consonância com a incerteza da sensação do confronto da escritora com o Outro.

Já para o escritor António Graça de Abreu, ele possui uma forma única de viajar. Esta forma de ver as paisagens exóticas permite-lhe experimentar a alteridade de um espaço tão vasto:

Porque tive tempo e porque gosto de descobrir cidades, viajei nuns tantos autocarros dos transportes públicos urbanos e fui até ao fim da linha...entrar num autocarro qualquer...ignorando por completo para onde vou. (Abreu, 2014, pp. 81-82)

Pensar o tempo, é também perceber que tem a ver com o ritmo da narração. Na base da análise anterior, já é analisado que ambas as obras adotam uma forma de narração que é a combinação da experiência pessoal

³ Texto original: 地图都是空间想象的出发点...地图为我们提供了世界的微缩模型, 让我们能够在想象中把握它, 在心理上控制它, 甚至征服它。从这个意义上我们不妨说, 地图先于空间而存在, 而不是相反。(Zhang, 2021, p. 300). Tradução minha.

⁴ Texto original: 过渡空间 (*ibid*), Tradução minha.

com a criação ficcional. Nenhuma das obras segue um desenvolvimento cronológico rigoroso. Por exemplo, tais como as recordações de Maria Ondina Braga sobre Macau, quando viaja em Pequim, e afirma que “mal-grado, pois, as diferenças, e a fala outra, volta-e-meia a minha memória em Macau” (Braga, 1994, p. 149). Este aparecimento e a extensão da linha do tempo permitem aos autores relacionar a memória do próprio *Self* com o Outro, mostrando a vasta e natureza tão desconhecida da China continental, assim como as mudanças que aí têm lugar ao longo das décadas, destacando um desenvolvimento rápido da China continental.

Além disso, um outro ponto notável tem a ver com as imagens literárias dentro dos poemas chineses aparecidos nas obras, que são traduzidos pelos escritores-viajantes para português. Eles carregam as funções de construir uma impressão clássica, com a história longa da China continental através das imagens literárias. No que diz respeito a este assunto, Outeirinho cita a definição da imagem literária, de Martins (2011):

A imagem literária supõe um conjunto de ideias sobre o estrangeiro que conduz a uma análise de duas ou mais culturas colocadas em confronto onde a emergência do Outro é filtrada pelo olhar de um sujeito, à luz de um esquema mental e de uma matriz cultural que lhe são próprios (Martins *apud* Outeirinho, 2020, p. 74).

Nas duas obras em estudo pode-se ver que ambos os autores traduzem e citam um grande número de versos, especialmente por causa de Abreu viajar para todas as províncias, traduzindo versos que descrevem paisagens das áreas atravessadas durante o percurso. Para Graça de Abreu, poemas antigos ou textos famosos fazem parte dos símbolos culturais chineses, que não só estabelecem uma ligação com o Outro, mas também permitem dar conta do grande progresso e mudança sofrida pela China atual. Isto permite ao leitor apreciar melhor as imagens transmitidas pelos poemas, utilizando imagens literárias para representar imagens da China continental, destacando especificamente as características da “antiguidade” e do caráter “clássico” desta cultura. Aqui mostra um exemplo do poema do Li Bai, traduzido por

António Graça de Abreu em 1990:

O sol brilha no pico Xianglu,
a montanha envolve-se em vapores púrpura.
Uma cascata ao longe
como um rio suspenso no ar,
depois caindo a prumo no espaço.
Não será a Via Láctea
tombando do Nono Céu?⁵

⁵ Poema do Li Bai. Tradução de Graça de Abreu (1990, p. 251).

3. Literatura de viagem e contributos teóricos em estudos de cultura

Quando os viajantes tomam contacto com as diferentes regiões, culturas e os trajetos históricos, tentam utilizar o seu conhecimento e compreensão para expressar nos seus escritos as suas viagens, os seus sentimentos interiores e o que experienciam. Recorrer a teorias disciplinares várias quando estudamos estas obras, torna-se fundamental. Três contributos teóricos que estão intimamente relacionados com a literatura de viagem, sendo importantes para o desenvolvimento da investigação da escrita de viagens, são: estudos sobre *cultural schema theory*, negociação identitária e tradução cultural.

3.1 Aplicabilidade da *cultural schema theory* à literatura de viagem

Na base do capítulo anterior, é observado que os escritores-viajantes da literatura de viagem portuguesa demonstram comportamentos diversos durante os percursos para Macau e a China continental. Com o objetivo de investigar as razões subjacentes aos diferentes pontos de vista das duas culturas, a partir de um nível mais profundo e científico de cognição, no nosso trabalho consideramos que os estudos interculturais sobre *cultural schema* têm um elevado grau de adequação ao estudo da literatura de viagem.

Na verdade, os modelos de *cultural schema* mostram as estruturas básicas da cognição, e os conhecimentos que as pessoas dominam dentro da interação social. Eles são adquiridos e formados pela experiência da vida, e carregam o papel de orientação para o indivíduo tratar de questões que se colocam na comunicação interpessoal. Conforme Chen & Liu (2011), referem *cultural schema theory* “descreve um padrão organizado de pensamento, comportamento ou um bloco estruturado de ideias previamente formadas”⁶ (p. 125). E Nishida (2005) argumenta que quando uma pessoa entra num

⁶ Texto original: 图式描述的是一种组织好的思想、行为模式，或者是一种由先前已形成的观点组成的结构块。(Chen & Liu, 2011, p. 125). Tradução minha.

ambiente cultural familiar, os comportamentos e papéis culturais específicos que têm acumulado sobre esse ambiente cultural formam o seu *cultural schema*. Tal argumento de Nishida pode ser aplicado aos estudos da literatura de viagem, tal como choque cultural, adaptação transcultural, comunicações interculturais e interações verbais ou não verbais. Através desta acumulação de *cultural schema*, os indivíduos desenvolvem os próprios paradigmas nos intercâmbios sociais, nomeadamente modelo de PSI (primary socialization interaction).

E relativamente aos tipos de *cultural schemas*, Nishida (1999) apresenta oito tipos: “Fact-and-concept, Person, Self, Role, Context, Procedure, Strategy, Emotion” (p. 757). A autora salienta que, quando entram numa situação, os sujeitos tendem a desencadear automaticamente uma busca na memória do padrão adequado, para encontrar o contexto e os antecedentes adequados, e, por fim, encontrar a aplicação adequada. Quanto mais específico for o padrão sobre o contexto cultural, maior será a probabilidade de encontrar os métodos e procedimentos adequados (Nishida, 2005). Outros investigadores argumentam ainda que *cultural schemas* são “central cognitive mechanism through which culture affects action” (Boutyline & Soter, 2020). E estes dois investigadores confirmam também: *cultural schemas* atuam como normas e intuições internalizadas que levam diretamente às ações através dos processos cognitivos reflexivos que têm lugar, sem que o indivíduo esteja consciente dos mesmos (*ibid*).

Assim, nas interações sociais, as pessoas utilizam sempre *cultural schema theory* para reduzir as barreiras à comunicação e para obter a informação de que necessitam. Em 2011, Chen considera que a presença de *cultural schemas* em ambos os lados de um intercâmbio cultural é chamada *cultural schema* mútuo, e que a ausência de *cultural schemas* pode levar ao fracasso para a comunicação intercultural. Segundo o investigador DiMaggio (1997), ele define *cultural schemas* como mecanismos cognitivos fundamentais através dos quais a cultura influencia o comportamento (*schemas* são também mecanismos que simplificam a cognição): “both representations of knowledge

and information-processing mechanisms. As representations, they entail images of objects and the relations among them” (p. 269).

Além do mais, no que respeita ao processo de funcionamento de *cultural schemas*, na investigação de Nishida (2005), descobre-se que, em termos da estrutura fisiológica, *cultural schemas* provocam a formação cognitiva em neurónios complexos, e que as mudanças no ambiente causam mudanças nas redes neuronais, razão pela qual as memórias são formadas ao longo do tempo. Para as características de *cultural schemas*, Boutyline e Soter (2020) propõem seis palavras-chave deste tema: “Representation, Sharedness, Automaticity, Conscious control, Resource limits, Nonverbal Character and Domain Specificity” (pp. 26-28).

Ao mesmo tempo, porém, *cultural schemas* são também instáveis e variáveis, especialmente para quem permanece num ambiente por período curto, como por exemplo, os homens de negócios, estudantes internacionais e migrantes de curta duração. Nishida (2005) usa esta teoria para explicar o fenómeno da adaptação dos estrangeiros (*sojourners*⁷). Ao contrário dos refugiados e migrantes de longa duração, estes viajantes possuem motivações mais específicas e depois mais orientadas para objetivos, durante as suas estadias podem desenvolver novos *cultural schemas*, que podem ser interligados ao ambiente onde permanecem. Assim, pode-se dizer que a constituição destes *schemas* passam por fases de auto-regulação e auto-direção.

Mais, os estudiosos Bouryline e Soter (2020) também sugerem que os *cultural schemas* estão ligados a análises dos estereótipos, como tipos implícitos. Através disso, pode descrever as características dos grupos étnicos, com o fim de inspirar e julgar o comportamento das pessoas. Eles influenciam a perceção e a memória das pessoas.

Quando se aplica esta teoria na análise das obras da literatura de viagem, é possível observar que dentro das obras, em face da cultura que possui

⁷ Palavra encontrada no trabalho de Gudykunst (2005, p. 24).

ligações com a dos escritores-viajantes, ou daquela que é pouco explorada, os escritores-viajantes narram ou demonstram reações diversas na processão da adaptação ao ambiente cultural. Por essa razão, neste estudo, considera-se que diferentes tipos de cultura encontrada têm a capacidade de ativar memórias dos *schemas* guardados pelos escritores-viajantes, que são formados pela cultura de origem. Verifica-se também que durante o processo da comunicação intercultural, os comportamentos dos viajantes podem ser influenciados ao nível da cognição e psicologia.

Neste sentido, demonstra-se que existe a possibilidade de aplicar *cultural schema theory* na pesquisa de literatura de viagem. Existem alguns estudos sobre quadros teóricos relevantes de *cultural schema* que já são aplicados extensamente no campo de estudos da sociologia, psicologia transcultural, tradução e ensino bilingue. No entanto, não se encontram estudos relativos às investigações sobre literatura de viagem. Assim, esta dissertação considera que esta utilização destas teorias tem valor científico e pode contribuir para o desenvolvimento deste domínio da investigação. A possibilidade de combinar a literatura de viagem com *cultural schema theory* é ilustrada pelo que segue.

Em primeiro lugar, nas duas obras de literatura de viagem portuguesa em estudo, os comportamentos dos sujeitos-viajantes, no que toca à comunicação intercultural, correspondem à definição de *cultural schema*, permitindo exemplificar uma aplicação de *cultural schema theory* relacionada com a comunicação intercultural neste género literário. *Cultural schemas* carregam o papel cognitivo, que é formado fundamentalmente no cérebro humano, carregando a função da estrutura cognitiva básica formada durante a experiência e aprendizagem a longo prazo. Pode dizer-se que é a memória armazenada da cultura com a qual mais familiarizada para os viajantes, também inclui as representações e normas culturais que, inconscientemente, guiam os comportamentos quando os sujeitos-viajantes encontram um ambiente novo. O que demonstra que a prática de *cultural schema theory* acontece no processo de contacto com o sistema cultural próprio dos viajantes e a cultura do Outro, o que corresponde precisamente à definição da

literatura de viagem, que funciona como uma escrita que regista o encontro entre o Eu e o Outro. Durante o processo, a psicologia do viajante e acumulação de conhecimentos são estimuladas pela situação nova em que ele entra. E esta cultura “estrangeira” causa uma “intrusão” e “reintegração” no sistema cultural próprio.

No caso destas duas obras, as diferentes reações dos dois autores quando viajam em Macau e na China continental podem ser mais bem explicadas se abordarmos a questão com base no modo de funcionamento de *cultural schema theory*. Combinando com a longa experiência dos autores de viverem e viajarem em Macau e na China continental, pode concluir-se que, em Macau, os escritores-viajantes são confrontados com imagens culturais que lhes são familiares ou relacionadas com a sua própria cultura portuguesa, porque o ambiente de Macau contém símbolos culturais portugueses, e crenças religiosas que lhes são bem conhecidas, pelo que automaticamente procuram e evocam no seu conhecimento anterior ligações históricas com uma “cultura de origem”. As representações culturais estimulam os elementos dos *cultural schemas* existentes. Quando o cérebro tenta procurar então padrões estratégicos que correspondam a este ambiente cultural, comporta-se de acordo com a orientação resultante dos *schemas* dominados. Este tipo de ambiente e de intercâmbio cultural, em consonância com os próprios quadros de perceção dos viajantes, reduz o sentimento de vagueza e de desconhecimento que acompanha as viagens a um país estrangeiro.

Mas ao mesmo tempo, as viagens à China continental levam obviamente os *cultural schemas* que são distintos, havendo uma comparação com os *schemas* estabelecidos. Dentro do ambiente desconhecido, as tradições populares exóticas do mundo oriental estão em contraste com as culturas familiares aos autores de literatura de viagem. É por isso que nasce uma sensação de “esquisito”, “novidade” e “estranheza” nos textos de viagens. Este contacto com o Outro e o estímulo dos antigos *cultural schemas* fazem com que os autores aceitem e alterem os conhecimentos anteriores sobre uma cultura de que se tem pouco conhecimento na sociedade ocidental, pois os

cultural schemas são instáveis e mutáveis.

É evidente que quando um viajante tem a oportunidade de complementar e aperfeiçoar o seu *cultural schema* original, especialmente no momento em que possui sentimento de diferença em relação ao Outro, existe uma vontade sempre de incorporar este *cultural schema* do Outro na sua própria estrutura cognitiva, especialmente depois de formar as próprias impressões e os sentimentos sobre a cultura oriental. Tal provoca também os novos *cultural schemas*, o que comprova que a literatura de viagem também pode servir de veículo para o estudo dos *cultural schemas* e seu reconhecimento e suas (re)constituições.

Constata-se mais uma diferença bastante óbvia dentro das duas obras em estudo. Apesar de os dois escritores-viajantes chegarem à China quase na mesma época, entram em lugares diferentes, e começam a construir os *cultural schemas* sobre o ambiente cultural chinês nos locais que conhecem primeiro.

No caso de Braga, pelos seus escritos, é observado que ela conhece mais a cidade de Macau e depois vai “para norte”, até Pequim; portanto, as impressões sobre a China e os *schemas* estratégicos culturais que ela constrói são relativamente ligados mais à sua própria origem. Isto também explica que, à chegada a Pequim, o que surge na sua consciência é a memória sobre Macau: “Mal-grado, pois, as diferenças, e a fala outra, volta-e-meia a minha memória em Macau” (Braga, 1994, p. 149). Em contraste, desde que Abreu chega primeiro a Pequim e Xangai, e aí fica por tantos anos, no que a ele diz respeito, estes dois lugares armazenam as impressões iniciais sobre China: “Depois do Porto, onde nasci e cresci, Pequim e Xangai são os meus segundos e terceiros lugares de extremado viver” (Abreu, 2013, p. 75). Assim, é compreensível que estes lugares, que mantêm ligações mais íntimas com ele, contribuam para a formação do seu próprio *cultural schema*. Um exemplo que pode ilustrar isto é que, quando se refere a Pequim, ele repete várias vezes como “a minha Pequim”. Ao longo da sua obra, quando viaja para outro lugar,

faz comparações subconscientemente entre outros lugares e a capital da China, o lugar que ele conheceu logo no início:

Rumo a Macau, havia ainda os três braços do Zhujiang, o rio das Pérolas para atravessar nos grandes batelões de aço. E os arrozais, a vegetação, as aldeias, as fisionomias das pessoas da China do Sul, tudo tão diferente da minha Pequim. (Abreu, 2013, p. 296)

Então, pode-se chegar à conclusão que, os modos de pensamento destes escritores-viajantes são orientados por *cultural schemas*, constituídos pelas experiências que possuem durante as estadias na China, e os lugares que eles têm primeiro acesso a conhecer também influenciam a formação e o estabelecimento dos *cultural schemas*.

Em seguida, os comportamentos durante estes processos de comunicação intercultural correspondem às características básicas do funcionamento da *cultural schema theory*, comprovando que estes *schemas* utilizados nas interações com o Outro podem ser definidos como *cultural schemas*, ilustrando que é possível investigar as obras de literatura de viagem com teorias desse campo de estudo.

Por um lado, os *cultural schemas* devem ser representativos e partilhados, e têm de ser analisados para uma cultura particular, se não, não podem ser definidos como *cultural schemas*, “to qualify as a *cultural schema*, an automatic representation must be widely (but not universally) shared” (Boutyline & Soter, 2020, p. 27). Para ilustrar isto, observa-se que as imagens do mundo oriental construídas pelos autores correspondem aos estereótipos gerais para a sociedade ocidental, que é uma opinião comum e representativa, correspondendo à definição da *cultural schema theory*.

Por outro lado, o funcionamento dos *cultural schemas* acontece de uma forma inconsciente e subconsciente; se os sujeitos não conhecerem os *cultural schemas* de uma sociedade, preferem ou seguem automaticamente as regras dos *cultural schemas* da cultura de origem. Por exemplo, se não se prepararem as estratégias adequadas à situação ou aos assuntos específicos,

quando se conhece um novo ambiente e se encontra o Outro, o sujeito talvez se sinta nervoso e ansioso. Outra possibilidade é que o sujeito não consegue adquirir os *schemas* da nova cultura porque faltam as experiências anteriormente buscadas, que é uma ferramenta necessária para ser adaptada à cultura nova.

Nas obras em estudo, os *cultural schemas* são formados sem consciência, e guiam de forma invisível os padrões de comportamento dos autores; também é evidente encontrar nas obras que os modelos de interação dos viajantes com as pessoas locais são sem dúvida influenciados pelos seus próprios *cultural schemas* de cultura de origem. Um exemplo é que quando o escritor Abreu viaja em Xangai e encontra uma igreja, embora a missa para estrangeiros já tenha acabado, ele faz a sugestão que todos os outros portugueses entrem na igreja: “A nosso pedido, o padre chinês foi de novo buscar o cálice com as hóstias e mais de uma dezena dos meus companheiros de viagem comungou numa igreja católica, em Xangai, num Domingo de Páscoa” (Abreu, 2013, p. 84). Esta ação é totalmente resultado de uma orientação, sem consciência e reflete o costume religioso da cultura original dos escritores-viajantes. Obviamente, as obras da literatura de viagem não correspondem necessariamente a todas as definições de *cultural schema theory*, mas permitem uma análise em conjunto com esta teoria.

Por fim, nos resultados de estudo feito por Nishida (2005), os tipos de *cultural schemas* são compatíveis com os elementos incluídos pela questão mais essencial da literatura de viagem, as relações entre *Self* e Outro. A interação entre o próprio sujeito-viajante e o ambiente, precisa de envolver os *schemas* de *Self*, “papel social”, “estratégia” e “emoção”, que não apenas são os fatores mais essenciais do processo da comunicação intercultural, mas também os aspetos que são mais analisados nos estudos de literatura de viagem. Por esta razão, pode-se concluir que os modos de *cultural schemas* são mais ou menos aplicáveis para explicar os comportamentos demonstrados nas obras da literatura de viagem, provando outra vez que é viável combinar estes campos de estudo.

3.2 Literatura de viagem como testemunho do processo da negociação identitária

Nesta secção, procuramos debruçar-nos sobre a literatura de viagem e negociação identitária; uma das questões nucleares da literatura de viagem, e que se prende igualmente com a formação das imagens da alteridade durante o processo de olhar para o Outro.

De acordo com Hall (2006), que dá uma definição básica da “identidade”, trata-se de uma característica sócio-cultural. Segundo ele, “a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade”, e “preenche o espaço entre o ‘interior’ e ‘exterior’, entre o mundo pessoal e o mundo público” (p. 11). Relativamente à identidade cultural, Hall (2006) considera que é formada por um conjunto de representações da cultura nacional. Ou seja, um indivíduo é portador de uma cultura nacional, devido aos primeiros contactos com a comunidade local a partir do momento que nasce, e marcado por valores fundamentais e carregando as representações simbólicas dessa cultura nacional:

Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. (*ibid*, p. 59).

Assim, para este investigador, a fonte da identidade cultural é a identidade nacional, mas o sujeito pode, à medida que o tempo passa, possuir várias identidades culturais. Mas tal só sucede na condição de aceitar os valores ideológicos de um determinado ambiente cultural. Porém, em princípio, o ambiente cultural em que os escritores-viajantes da literatura de viagem nascem e crescem afetam mais fortemente os padrões de pensamento e a formação dos valores ideológicos, em particular, no momento em que eles entram num ambiente estrangeiro. Ou seja, a identidade cultural não é necessariamente a mesma que a identidade nacional, de acordo com Hall (2006), os valores do Eu são projetados na identidade cultural:

O facto de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (p. 12)

E para os investigadores Collier & Thomas (1988), eles consideram o conceito da identidade cultural “as identification with and perceived acceptance into a group that has shared systems of symbols and meanings as well as norms/rules for conduct” (*apud* Imahori & Cupach, 2005, p. 197). E conforme as investigações do estudioso Toomey (2005), quando menciona os conteúdos e significados da identidade cultural, no seu estudo surgem dois elementos importantes: “value content and salience” (p. 213). Para explicar isto, o investigador considera que “value content refers to the standards or expectations that people hold in their mind-set in making evaluations” (*ibid*, p. 214), e a *salience* da identidade refere “cultural identity salience refers to the strength of affiliation we have with our larger culture” (*ibid*, p. 215). Significa que a construção da identidade começa no início da interação entre o Eu e o ambiente externo. Durante este processo, cada indivíduo adquire os elementos básicos que formam as identidades do Outro, neste processo, a identidade tem o funcionamento de “expressar” as características internas do sujeito próprio, ilustrando mais ainda os critérios de julgamento pelos quais as pessoas verificam as coisas, e os valores que definem as maneiras como as coisas são consideradas. Isto é formado num determinado contexto cultural.

Por isso, o presente trabalho quer discutir e verificar se se manifestam a nova identidade cultural nestas duas obras em estudo. Contudo, o que se observa nestas duas obras, é que os autores apenas fazem comparações e demonstram as diferenças do pensamento entre pessoas das culturas orientais e ocidentais, não mostram claramente como é que eles aceitam ou alteram os seus próprios valores, nem que é visível a sua alteração, é apenas um relato de um intercâmbio cultural como observador e viajante de outra cultura.

Em ambas as obras, porém, podemos ver, pelas imagens que o viajante

contrói do Outro que ele não tem um sentido definido de pertença ao seu próprio ambiente cultural, ou pelo menos que este sentido de ligação não vai para além da sua própria cultura. Em vez disso, vemos mais um sentimento de solidão e exílio como peregrinos, muito embora um dos autores tenha criado uma identidade para si próprio como “sinólogo”. Portanto, é evidente que os escritores-viajantes de literatura de viagem não desenvolvem necessariamente uma nova identidade cultural num novo ambiente cultural. Contudo, pode argumentar-se que esta perceção é o resultado da interação de múltiplos elementos de identidade, um processo de adaptação e naturalização transcultural, de modo a chegar a um resultado relativamente satisfatório para ambas as partes num processo de comunicação intercultural. Por exemplo, quando Graça de Abreu menciona que os seus caminhos transformam “este pobre homem, com tantas jornadas sínicas, no cidadão português que talvez melhor conheça a China, um autêntico especialista em assunto chineses, um verdadeiro sinólogo” (Abreu, 2013, p. 19), o escritor-viajante efetua um processo de integração do ambiente viajado, e uma transformação de parte da sua identidade cultural. Assim pode dizer-se que os autores comunicam os seus valores ideológicos e a identidade correspondente com o ambiente em que se conhecem de novo, de forma a permitir a negociação da identidade, o que resulta também numa melhor compreensão do Outro.

Por isso, esta dissertação considera que este processo pode ser considerado como processo de negociar a identidade cultural entre os sujeitos e o ambiente externo, durante este processo, ultrapassa-se as fronteiras identitárias, que é sempre um período turbulento e sofrido para um sujeito-viajante que entra num ambiente estrangeiro. É evidente que em qualquer ambiente cultural, um “forasteiro” é sempre tratado de forma diferente, pode até ser excluído ou isolado por essa sociedade devido à alteridade da sua condição.

Neste contexto, nasce a motivação para a negociação da identidade. Os sujeitos-viajantes sempre tentam apreender e compreender os conteúdos de *value content* e a *salience*, bem como os símbolos culturais que estão mais

fortemente ligados às pessoas desse ambiente cultural. Isto faz parte da hipótese central da teoria da negociação identitária, que afirma que os viajantes possuem a vontade de reduzir as diferenças culturais e aumentar o seu conhecimento da sociedade, com o objetivo mesmo de melhorar a sua imagem perante os Outros. Segundo Toomey (2005), “the identity negotiation theory emphasizes that identity or reflective self-conception is viewed as the explanatory mechanism for the intercultural communication process” (p. 217). A viabilidade que introduz esta teoria no nosso estudo, é que os comportamentos que efetuam os escritores-viajantes da literatura de viagem, por exemplo, registar e descrever os símbolos culturais, estabelecer os relacionamentos interpessoais, observar as divergências em termos de valores ideológicos e religiosos, tal como aceitar e aprender a língua local..., tudo isso pode ser identificado como estratégias tomadas para um efeito de sucesso de negociação da identidade. Dentro disto, os viajantes procuram inconscientemente os conteúdos nucleares e ligações à cultura-alvo, porque estes elementos constituem uma base do conhecimento da identidade cultural do Outro. Só com uma boa compreensão da identidade cultural e símbolos culturais das pessoas locais num dado contexto cultural, o escritor-viajante é capaz de evitar conflitos culturais, ganhar a confiança dos habitantes locais e alcançar um resultado de viagem relativamente agradável.

Além do mais, conforme Toomey (2005), o investigador cita as três razões principais do Turner (1987), ilustrando que os intuitos da negociação identitária estão relacionados com uma necessidade básica para sustentar o conhecimento do Eu, especialmente quando o sujeito sente falta de segurança e precisa de buscar as relações interpessoais mais sustentáveis. Segundo Toomey (2005), o sujeito deseja cumprir “the need to feel secure; the need to feel included; the need to experience a certain amount of predictability and to trust the responses of others” (Turner *apud* Toomey, p. 217).

Por isso, apesar de não serem construídas nova identidade cultural, *Passagem do Cabo* e *Toda a China* fornecem um contexto para o processo de negociação da identidade, ou melhor, descrevem as principais necessidades e

os resultados da negociação da identidade dos viajantes no processo de intercâmbio intercultural. É possível dizer que a literatura de viagem carrega um testemunho deste processo. Obras como *Passagem do Cabo* e *Toda a China* são também como que veículos para análise desta questão. Ao acolher as representações e tradições culturais através da adaptação intercultural, alguns textos de literatura de viagem manifestam resultados satisfatórios para a comunicação entre o sujeito-viajante e o ambiente encontrado. Quer isto corresponda ou não às expectativas iniciais de ambas as partes, trata-se de uma experiência do mundo, da alteridade, experimentada pelo viajante. Além disso, a literatura de viagem pode ser considerada como uma prática intercultural para o estudo de teorias da identidade cultural. Uma outra opinião do investigador Toomey (2005) também ilustra que a identidade cultural carregam as ligações entre um indivíduo e o ambiente cultural:

The more strongly our self-image is influenced by our larger cultural value patterns, the more we are likely to practice the norms and communication scripts of the dominant, mainstream culture. (p. 215)

O que ilustra ainda que os estudos da negociação identitária podem ser combinados com assuntos de *Self* e *Outro* da literatura de viagem. Então pode-se considerar que as ações dos escritores-viajantes da literatura de viagem são práticas e exemplo produtivo para a teoria da negociação identitária, possuindo os fins de os escritores serem aceites e adotados pela sociedade local. Por isso, esta dissertação baseia-se na defesa de que a literatura de viagem pode ser analisada sob a orientação da negociação identitária, e funciona como testemunho e fonte desta perspetiva teórica.

3.3 Literatura de viagem como testemunho do processo da tradução cultural

Depois de procurar mostrar que nas obras da literatura de viagem, os escritores-viajantes não formam a nova identidade cultural, mas experienciam processo da negociação identitária, agora, nesta dissertação, tentarei ilustrar que este processo ainda é acompanhado pela tradução cultural, e a tradução

cultural tem papel positivo quanto ao desenvolvimento de pesquisas no domínio da literatura de viagem.

Como outros investigadores, consideramos que existe um “novo espaço cultural” (Pires, 2008, p. 3) quando a literatura de viagem é combinada com a prática da tradução cultural, construindo um terceiro espaço no intercâmbio cultural e criando uma ponte entre cultura de partida e cultura de chegada. Nesta secção, o nosso trabalho toma referência principal, a definição da expressão mais original da tradução cultural, que foi apresentada pelo Evans-Pritchard (*apud* Burke & Hsia, 2008, p. 14), e é bem conhecido que para efetuar a tarefa da tradução cultural, o sujeito tem de possuir as qualidades básicas da comunicação e compreensão, como por exemplo, dominar bem os conhecimentos de ambas as culturas em relação, incluindo conhecimento linguístico, representações básicas culturais, costumes respeitados e tabus, etc.

Assim, em relação à literatura de viagem, este trabalho defende que a tradução cultural funciona como uma reação inconsciente quando os viajantes narram os encontros entre *si* e o Outro; para os escritores da literatura de viagem, a tradução cultural ainda tem efeito positivo na negociação identitária, bem como na interação entre o Eu e o Outro, porque é óbvio, quando se está bastante ciente das situações do Outro, tal facilita a comunicação intercultural e o cultivar de estratégias correspondentes no intercâmbio intercultural, constrói assim a identidade do próprio sujeito. Na verdade, a literatura de viagem pode funcionar como promotora de uma comunicação intercultural e responsável por um melhor esclarecimento e conhecimento de outras culturas.

Portanto, neste quadro, os sujeitos viajantes separam-se temporariamente dos seus valores ideológicos e até estereótipos, e não se integram num ambiente em que viajam, garantindo um estatuto neutro e objetivo:

Na tradução cultural se cria um novo espaço cultural, não totalmente fiel à cultura de origem, nem totalmente dominado pela cultura de receção. Para se criar esse espaço é necessário o desejo de comunicação, que possibilite o

encontro com o Outro. (Pires, 2008, p. 3)

Por isso, pode considerar-se que quem efetua a tradução cultural entra num lugar obscuro, em que a cognição identitária se torna imprecisa. Este espaço é “um caótico meio-termo, envolvendo perdas ou renúncias e deixando o caminho aberto para uma renegociação” (Burke & Hsia, 2008, p. 15). Este processo da negociação não apenas constrói um espaço intermédio, mas ainda uma identidade mediadora como tradutor, por isso, é necessário discutir um outro assunto, sobre as estratégias e os critérios da tradução cultural observados nestas duas obras em estudo desta dissertação.

Se duas partes da comunicação cultural são vistas como a cultura partida e a cultura chegada, o tradutor utiliza modos diversos para transformar as informações na transposição cultural. Como por exemplo, nas obras de literatura de viagem, é mais viável que os escritores-viajantes utilizem uma estratégia de “estrangeirização” da tradução textual. Nesta dissertação considera-se que esta técnica também corresponde às características das obras de literatura de viagem em estudo.

Este conceito apresentado por Lawrence Venuti, refere-se à introdução de palavras da cultura-alvo na cultura de partida, produzindo no leitor “uma sensação de distanciamento ou estranhamento” (Venuti *apud* Burke & Hsia, 2008, p. 33). Para os escritores da literatura de viagem, esta estratégia também é tomada quando eles explicam os conceitos básicos da cultura, visitada os contextos dos nomes locais e histórias. Além disso, é observado que quando os autores conversam com as pessoas locais, eles citam diretamente as palavras que estas pessoas dizem, seja cantonês, seja mandarim, até idiomas e provérbios comuns. Lembre-se dois exemplo das obras. O primeiro tem a ver com a viagem de Graça de Abreu para Zhangjiajie, Património Mundial reconhecido pela Unesco. Ele faz uma interpretação de dois caracteres chineses, quando estes caracteres ficam juntos, possuem significado de cenário lindo em mandarim:

Cumpre-se o shan shui, 山水, as « montanhas e água », o que significa

«paisagem» em chinês, e onde a ideia expressa pelos dois caracteres está sempre presente 山, shan, são os três picos da montanha, 水, shui, é a água a correr. (Abreu, 2013, p. 316)

Podemos reparar que, o viajante não só simplesmente traduz os conhecimentos que busca para língua portuguesa, mas apresenta tudo isto nas obras na forma original. O segundo exemplo, é de Ondina Braga. A autora também manifesta as expressões das pessoas locais diretamente em cantonês, reconstrói as cenas da sua vida em Macau:

De regresso a casa: *Faiti! Faiti lai!*⁸ — desta vez o condutor do *sam-lun-ché* não era surdo e voava. De regresso a casa, ia sopesando a minha decepção. (Braga, 1994, p. 143)

Esta conversa acontece quando a escritora-viajante é incitada pelo condutor do *sam-lun-ché*, que é um tipo de bicicleta com três pneus e que funciona como meio de transporte. Isto traz aos leitores o cenário da comunicação entre a autora e os locais, acrescentando um sentido de exotismo, evidenciando também a autenticidade da viagem. Tal cria ainda oportunidade para os leitores entenderem plenamente a emoção da narradora, especialmente quando encontra um estrangeiro com atitude tão impaciente e arrogante.

A segunda estratégia para efetuar a tradução cultural, é a “domesticação”. Conforme Burke & Hsia (2008), “os tradutores geralmente seguiam o que Venuti chama de ‘estratégia fluente’, aquela que ‘domestica o texto estrangeiro’, o que oferece “experiência narcisista de reconhecer sua cultura em um outro cultural” (Burke & Hsia *apud* Venuti, 2008, p. 34). Um exemplo que bem ilustra isto, são os poemas clássicos chineses traduzidos nas obras, aqui cita-se um deles traduzido por Maria Ondina Braga, que o lê em inglês:

Não és tu, cigarra

Aquela que magicamente [*sic*] se transforma?

A que nascida do monte de esterco

⁸ Em cantonês significa: Venha, venha rápido. (Braga, 1994, p. 143). Tradução minha.

Cobiça o firmamento, o espaço largo e limpo?

... (Braga, 1994, p. 149).

Entre outros aspetos, podemos observar o uso da estratégia de domesticação pelo autor, que transforma os versos da prosa chinesa antiga para os ritmos e formatos comuns da poesia portuguesa; assim, os leitores podem compreender a cultura do Oriente através da leitura das poesias em língua portuguesa, contribuindo para uma ligação emocional em comum, partilhada entre o Eu e o Outro.

Além disso, verifica-se que dentro desta versão da tradução, a escritora utiliza ainda a estratégia do empréstimo cultural, especialmente quanto aos significados da imagem de “cigarra”. No verso original, numa perspetiva muito distinta do que sucede na cultura portuguesa, a cigarra é uma imagem figurativa, usada como uma metáfora para descrever as pessoas que aspiram alto, não buscam o mundo material e têm características de honra e persistência. A autora empresta a intenção da “cigarra” e transforma-a numa impressão geral dos poetas chineses da Dinastia Tang, bem como da cultura clássica chinesa: “Díficeis. Únicos. E que havia de me contar das vidas deles. E contava” (Braga, 1994, p. 149). Esta imagem também evoca uma parte da memória sobre Macau, junto com “cigarras desvairadas em Agosto” (*ibid*).

Mais, durante o processo de tradução cultural, os autores são mais ou menos influenciados por seus próprios preconceitos e estereótipos culturais, porque, de facto, a tradução cultural é um símbolo de poder, que manipula a língua e os pensamentos. Pode-se concluir que, a existência da tradução cultural nas obras da literatura de viagem tem seu efeito positivo, porque pode oferecer aos leitores uma visão do mundo do Outro, mas também permite que os autores temporariamente entrem no terceiro espaço cultural, e sejam os mediadores independentes entre cultura de partida e de chegada. Ao mesmo tempo, esta abordagem, que por vezes afasta e por vezes aproxima os destinos de viagem, aumenta o encanto literário da obra, torna-a mais apelativa para o leitor e enriquece a apresentação da literatura de viagem,

fazendo com que este género literário seja mais procurado e disseminado no tempo de hoje.

4. Literatura de viagem e Orientalismo, para pensar o futuro

Viajar é um processo de exploração incessante do mundo e, com o desenvolvimento contínuo dos estudos da literatura de viagem, tem-se verificado ainda uma integração mais profunda da literatura de viagem e dos estudos de cultura, e neste campo de estudo, destacam-se mais as investigações relacionadas com o Orientalismo de Said, que não só exploram a questão da distribuição do poder discursivo entre o Oriente e o Ocidente, como também facilitam o desenvolvimento futuro dos estudos em torno da literatura de viagem e o estudo dos intercâmbios interculturais nos livros de viagem que têm o Oriente como elemento integrado. Ao mesmo tempo, os laços atuais estão cada vez mais estreitos em todo o mundo, também vale a pena pesquisar se os métodos de investigação orientalista tradicional podem ser mantidos, e como abandonar o simples dualismo e o eurocentrismo. Na base de pesquisa anterior, esta dissertação tenta explorar as relações entre a literatura de viagem portuguesa e teorias orientalistas, defendendo que a investigação orientalista pode contribuir para as investigações da literatura de viagem, mas existem certas limitações. Mais ainda, na sociedade moderna, com o desenvolvimento rápido dos meios de comunicação de massa poderá ter efeito positivo na promoção e no progresso da literatura de viagem, dissipando também os estereótipos identificados pelo Orientalismo e proporcionando um conhecimento mais objetivo face às perspetivas tradicionais sobre o Oriente.

4.1 Estudos relevantes, para pensar o Oriente

Assim, esta parte foca-se na introdução dos pontos de vista principais do Orientalismo, bem como nos limites dos estudos tradicionais desta área.

Na perspetiva original da investigação do Orientalismo, o conceito geográfico do “mundo oriental” deriva da divisão geográfica europeia, por isso, durante as diferentes fases históricas, os desenvolvimentos dos estudos do

Orientalismo são formados e expandidos em áreas diversas, incluindo estudos sobre cultura, relações regionais, literatura e artes, linguística e etnografia. “O Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente), como sua imagem, idéia, personalidade e experiência de contraste” (Said, 1990, p. 14). Em geral, o mundo oriental carrega um funcionamento intrínseco como figura do Outro, relativamente à sociedade ocidental. Segundo as opiniões de Said, “o Oriente expressa e representa esse papel, cultural e até mesmo ideologicamente, como um modo de discurso com o apoio de instituições, vocabulário, erudição, imagística, doutrina e até burocracias e estilos coloniais” (*ibid*). Desta forma, é constituída uma imagem do mundo oriental, que não é apenas uma imaginação de uma outra parte distante do mundo, mas também reflete uma imagem de contraste para a sociedade ocidental.

Ao longo da história longa desde que foram estabelecidas ligações entre o mundo oriental e ocidental, este desejo de exploração da terra estrangeira e da fantasia levou consistentemente os viajantes e missionários ocidentais a chegarem um após o outro à região e, assim, fomentar o intercâmbio cultural entre os mundos oriental e ocidental. Os objetivos principais foram satisfazer a necessidade das informações sobre o Oriente, complementando ainda a formação das impressões relativa a esta terra. Desde a viagem primeira dos exploradores ocidentais, até a expansão marítima de Vasco da Gama, é observado que a posição do Oriente mantém a condição de espaço a ser explorado e descoberto, que reflete também uma expressão da consciência cultural imperialista e colonialista, que é essencialmente marcada pelos valores do eurocentrismo.

Como exatamente apresentado pela investigadora Chaves (2013), “o Orientalismo é uma construção do ‘Oriente’ a partir da relação Oriente-Ocidente, marcada por variados graus de uma hegemonia complexa” (p. 3). A sociedade ocidental mantém um sentimento de superioridade em relação ao mundo imaginado do Oriente, e por detrás do Orientalismo, existe um jogo de manipulação do poder discursivo e político pela sociedade ocidental. Não se considera uma verdadeira igualdade entre os mundo oriental e ocidental que

tenha sido estabelecida sob esta visão. Para Duarte (2010), “o Orientalismo não necessariamente estabelece uma relação de identificação ‘real’ com o Oriente e sim com a ideia que o Ocidente faz dele” (p. 27). Tal deve-se ao facto de que face à descrição do mundo oriental, é difícil afastar os estereótipos e as representações do poder do discurso.

Por exemplo, na definição das teorias do Orientalismo, à sociedade oriental é geralmente fornecida uma identidade coletiva, por contraponto a um “nós”, a parte conjunta do mundo ocidental: “Denys Hay chamou de ideia da Europa, uma noção coletiva que identifica a ‘nós’ europeus em contraste com todos ‘aqueles’ não-europeus...a ideia da identidade europeia como sendo superior em comparação com todos os povos e culturas não-europeus” (Said, 1990, p. 19). Então podemos resumir as duas características básicas da teoria principal do Orientalismo: em primeiro lugar, o Oriente constrói uma impressão do Outro, em segundo lugar, o mundo oriental é descrito como uma “identidade coletiva”, que funciona juntamente até como uma ameaça para a sociedade ocidental. Não se reconhece a existência de diferentes Orientes. Este pensamento demonstra uma sensação de dualismo, obviamente ignorando a diversidade regional, também em termos das línguas, raças e culturas, que constitui a primeira limitação do Orientalismo. A segunda restrição do Orientalismo é o sentido de eurocentrismo, ou Ocidentalismo, que resulta num retrato tendencioso do Oriente, baseado inteiramente na auto-consciência ocidental, e numa ideologia colonialista que prejudica a compreensão e a exploração do mundo oriental, o que é claramente incompatível com o padrão moderno de pluralismo cultural.

Assim, depois do século XVIII, as investigações do Orientalismo moderno fundamentam-se nos estudos anteriores, além de eliminar as sensações de dicotomia e partes de impressões negativas anteriores, os escopos da pesquisa também são ampliados e focalizados desde a zona de Médio Oriente ao Extremo Oriente. Mas ao mesmo tempo, elas mantêm as características tradicionais relativamente às impressões do Oriente, bem como as formas de pensamentos e narrativas, que se trata “Oriente” não só como uma zona real,

mas um tema que inclui vários assuntos relevantes. Especialmente para os viajantes, “o Orientalismo é um tipo específico de conhecimento sobre lugares, povos e civilizações específicas” (Said, 1990, p. 210).

Para além disso, um outro tema que não pode ser evitado tem a ver com os estereótipos sobre o Oriente, que resultam principalmente das representações fixas e essencialistas que um grupo étnico tem sobre o Outro quando se encontra com esse grupo. De acordo com as investigações de Filho (2004), “os estereótipos não se limitam, portanto, a identificar categorias gerais de pessoas – contêm julgamento e pressupostos tácitos ou explícitos a respeito de seu comportamento, sua visão de mundo ou sua história” (p. 47).

Finalmente, é inegável que o desenvolvimento do Orientalismo carrega um papel construtivo na era da globalização e que, na situação atual, o desenvolvimento da perspectiva moderna do estudo do Orientalismo desafia, em certa medida, a hegemonia ocidental tradicional e o pensamento do eurocentrismo, promovendo ainda mais o intercâmbio e a comunicação cultural e protegendo a preservação da diversidade cultural. No entanto, também é notável que este pensamento causa uma divisão direta do mundo em sistemas discursivos orientais e ocidentais é unilateral e limitadora, uma vez que este pensamento dicotómico não tem em conta a diversidade e a autenticidade das culturas regionais, de que tratamos no ponto seguinte.

4.2 Contributos do Orientalismo para o estudo da literatura de viagem

Nesta secção deste trabalho tenta-se discutir o papel do Orientalismo quanto ao aprofundamento de estudos sobre a literatura de viagem, nomeadamente sinais do Orientalismo nas duas obras, bem como a função dos meios de Web social modernos relativamente à divulgação do Oriente e da literatura de viagem.

Em primeiro lugar, não podemos deixar de sublinhar que, o Orientalismo tem dado alguns contributos para os estudos de literatura de viagem e

questões culturais, e fornecendo uma base teórica para estas pesquisas. Entretanto, os pensamentos orientalistas modernos herdam a forma tradicional de escrever e imaginar o estudo do mundo oriental como um tipo de conhecimento de uma determinada região, povo e cultura. Claramente mantém ainda os estereótipos sobre o mundo oriental. Como pode ser provado nos relatos dos viajantes portugueses, a imagem geral do mundo oriental como o Outro emerge da perspectiva do autor como um “explorador” ocidental. Como mencionado nos capítulos anteriores, ao longo das viagens, os escritores de literatura de viagem procuram e constroem ligações entre *si* e o Outro, mundo ocidental e oriental, procurando também o Eu na Macau do Oriente, e encontrando o Outro na China continental. A “exploração” e o “reconhecimento” do Oriente desconhecido, e a sua nostalgia e memória da era colonial, é uma herança da mentalidade orientalista tradicional sobre o Oriente como o objetivo de ser “descoberto” e “conhecido”, tudo refletindo uma herança das ideias nucleares do Orientalismo tradicional.

Nos anos 60 do século XX, o mundo oriental observado pelos escritores da literatura de viagem é clássico, misterioso e causa uma enorme surpresa de explorar, mas também é pobre, sujo e atrasado. Existem estereótipos inerentes às representações que o livro faz do mundo oriental, mas é importante perceber que esses estereótipos são subjetivos, e são causados pelo desconhecimento e pelo sentido de incerteza. Segundo as descrições dos autores de literatura de viagens nos seus livros, estes sentimentos reforçam, frequentemente, os efeitos negativos dos estereótipos quando ficam num país estrangeiro. Mas também se constata que, à medida que os autores viajam e interagem com os habitantes locais, os percursos reais no campo do mundo oriental também ajudam a dissipar os seus antigos receios e desconfianças em relação a ele, uma vez que a literatura de viagem também contém descrições mais próximas da situação real. Por exemplo, os livros contêm também as observações dos autores sobre o caos e a pobreza dos locais por onde viajam, bem como algumas críticas ao sistema político, apresentando ainda a realidade do país observado e a maneira do

pensamento crítico dos autores. Assim, pode dizer-se que, na sua expansão, a literatura de viagem serve também para promover o intercâmbio cultural entre as diversas culturas. O que prova que o registo de viagens é uma ferramenta importante para impulsionar a exploração dos mundos tantas vezes vistos como exóticos.

Entre as ligações mundiais estabelecidas a partir das primeiras descobertas geográficas e marítimas, a literatura de viagem desempenha o papel de pioneira na interação e compreensão do mundo desconhecido. Também se pode dizer que este género literário e o Orientalismo se reforçam mutuamente. Obviamente, as primeiras descobertas e descrições do mundo oriental vieram dos relatos dos viajantes, as imagens do mundo oriental como o Outro também impulsionam o avanço do conhecimento sobre o Oriente, o que completa ainda a estrutura discursiva do Orientalismo. A expansão ao Oriente é também efetuada através da literatura de viagem, especialmente através do desenvolvimento e disseminação da indústria editorial, que permite aos escritores de viagens formar e partilhar as primeiras impressões e descrições mais básicas do Oriente através destes relatos de viagens autobiográficos. Foram eles que viajaram e descreveram as viagens ao Oriente num primeiro momento, pelo que as estratégias e narrativas que utilizaram lançam, em certa medida, as bases do Orientalismo. Eles também podem ser influência essencial ao criar e descrever as paisagens orientais junto dos leitores.

Toda a China de Graça de Abreu é um exemplo. Nesta obra o autor fala de si como “sinólogo”. Ora, segundo Said (1990), o orientalista é “intérprete, exibidor, personalidade, mediador, perito representativo (e representante)” (p. 288). Ao observar e registar as suas experiências durante as viagens, estas pessoas exploram o mundo oriental por interesse e curiosidade, e transmitem ou traduzem as informações buscadas para os leitores, através da narração e Web social, formando as imagens do mundo oriental. Ao contrário do período colonial ou da época de propagação religiosa, os seus objetivos não são necessariamente divulgar os valores ideológicos ou religiosos da sua cultura,

mas têm papéis positivos no que toca a contribuir para o avanço da literatura de viagem e os intercâmbios culturais. É também evidente que o título “sinólogo” de Abreu encara essencialmente o estudo e a exploração da China como um tipo particular de cultura política, o que se pode ver muitas vezes na sua obra, onde examina as figuras e instituições políticas chinesas. É de notar também o seu interesse particular pelas figuras representativas do marxismo, que também pode ser visto como uma curiosidade sobre a organização política do mundo oriental. Confirma ainda o papel do orientalista no estabelecimento de ligações entre o Oriente e o Ocidente. Este facto ilustra plenamente a possibilidade de utilizar teorias orientalistas para analisar as obras da literatura de viagem no período histórico definido.

De seguida, lembramos que com o desenvolvimento da tecnologia e facilidade de transporte, as viagens tornam-se cada vez mais um ato normalizado, assim, há que ter consciência que a média social desempenha papéis essenciais nesta área de estudo. E exatamente devido ao desenvolvimento das redes sociais que a literatura de viagem tem uma forma de expressão mais rica e variada, o que deu certamente algum impulso mais forte ao desenvolvimento de prolongamento orientalista. Na verdade, de acordo com Monteiro (2010), as funções da média social têm um efeito modelador invisível nas percepções humanas:

O homem contemporâneo constrói em seu imaginário a imagem de outros grupos e sociedades e, até mesmo, do próprio grupo a que pertence a partir dos conteúdos divulgados pela mídia. A mídia tem grande importância no processo de definir o que deve ou não ser valorizado dentro de uma sociedade. (p. 3)

A literatura de viagem promovida através de uma Web social pode acelerar a disseminação de estereótipos, pode também agravar as limitações dos estudos do Orientalismo, mas, por outro lado, à medida que os mundos do Oriente e do Ocidente se entrelaçam cada vez mais, o registo objetivo e as observações à realidade do viajante também ajudam a quebrar e a eliminar estereótipos e a construir relações interculturais mais equitativas, ou pelo

menos diminuir as influências negativas por causa delas. Entretanto, em termos de estabelecer as relações com o Outro, obviamente, as pessoas costumam acrescentar as suas próprias das suas perspectivas, por essa razão, nesta dissertação argumentamos que não é possível quebrar inteiramente as influências do estereótipos existentes, porque constituem uma parte importante da comunicação intercultural.

Considerações Finais

Esta dissertação elabora uma análise fundamentada nas duas obras de literatura de viagem portuguesa do século XX, intituladas *Passagem do Cabo* de Maria Ondina Braga e *Toda a China* de António Graça de Abreu. Começa pela pesquisa dos diferentes relacionamentos históricos e culturais, entre Portugal e Macau e na China continental. Em Macau, um ambiente cultural com pegada histórica portuguesa, os autores sentem uma nostalgia da época em que o povo português dominava esta terra, ao mesmo tempo, desenvolvem um sentimento de ligação espiritual e de dependência psicológica a Macau, enquanto perante a China continental, com o qual existem menos laços culturais, os autores da literatura de viagem portuguesa podem nascer uma sensação de exílio e solidão.

A seguir, analisa a questão fundamental da literatura de viagem, ou seja, a questão do *Self* e do *Outro*. Os dois escritores de literatura de viagem demonstram o que para eles simbolizam duas imagens de outros distintos, e dois encontros diferentes no processo de exploração do Oriente. A cidade de Macau evoca mais as memórias, além do tempo e espaço, devido às suas ligações históricas com o passado português e ao facto de grande parte do património cultural de Portugal estar aí preservado, enquanto a China continental é representada na literatura de viagem como um lugar mais distante, desconhecido, culturalmente mais próximo como figura de *Outro*, por causa da pouca pegada portuguesa e imagem fixa relacionada com o mundo oriental para os viajantes de sociedade ocidental.

Para investigar em profundidade as fontes originais de tais diferenças, esta dissertação escolhe analisar os diferentes estados mentais nestes dois tipos de viagem a partir de uma perspetiva cognitiva cultural, porque desta forma será possível explicar melhor as sensações diversas durante as viagens que as obras apresentam, e aproveitar para discutir a possibilidade de quebrar os limites dos estudos em torno de literatura de viagem, discutindo se existe uma hipótese de combinar diversos campos de estudo. Através da

investigação, a dissertação conclui que a literatura da viagem funciona como material que manifesta a aplicação de *cultural schema theory* num ambiente real. Os *cultural schemas* contêm modelos básicos de interação com as pessoas, e orientam os sujeitos para buscar as estratégias adequadas para reagir numa determinada situação, são invisíveis e subconscientes. Ao enfrentar a cultura desconhecida, os *cultural schemas* originais do viajante podem entrar em conflito com regras sociais potenciais originais, especialmente para alguém que não tem conhecimento, o que constitui uma fonte para a “sensação de estranheza” e de “exotismo”, sendo consideradas como as reações frequentes na literatura de viagem. Ao mesmo tempo, os seus *schemas* e modos de pensar de culturas originais podem ter um impacto no comportamento do viajante e podem também procurar experiências e memórias semelhantes à sua própria cultura de origem, para resolver as questões encontradas nas situações. Este facto pode explicar as ligações feitas pelos autores com os seus próprios *cultural schemas* em Macau e os sentimentos de estranheza na China continental, que pouco conhecem.

Para além disso, o trabalho também explora a questão de saber se foram formadas nova identidade cultural, uma vez que não é evidente que os autores se apercebem de nova identidade cultural, pelo que se conclui que todo o processo de viagem é acompanhado por uma negociação de identidade com o objetivo de alcançar um bom resultado de comunicação intercultural, e este é o papel que a literatura de viagem pode desempenhar tendo em conta estas teorias culturais, uma vez que documenta o processo pelo qual os viajantes aprendem e compreendem os conhecimentos culturais do ambiente visitado, a fim de serem aceites pela sociedade local, por isso pode-se concluir que a literatura de viagem testemunha a negociação da identidade.

Ainda se argumenta que este processo também inclui a atividade de tradução cultural, em que os autores acrescentam frequentemente o seu próprio preconceito político cultural à introdução de outra cultura desconhecida. Mas a conclusão é que a tradução cultural é um processo necessário na criação de literatura de viagem e, ao utilizar uma variedade de

estratégias de tradução, os autores aumentam o exotismo das suas obras e dão aos leitores uma melhor compreensão dos destinos para onde viajam, podendo eliminar os preconceitos dos leitores, pelo que a tradução cultural facilita a promoção e a divulgação da literatura de viagem. Tudo comprova que ainda existem campos mais abrangentes e vastos para o desenvolvimento do estudo da literatura de viagem, e é possível referenciar as teorias de outros estudos de cultura para este domínio.

Por fim, nas investigações futuras deste domínio, a dissertação espera continuar a concentrar-se e a aprofundar os seguintes aspetos: em primeiro lugar, deve-se estabelecer e destacar os valores de diversidade cultural, reforçar a compreensão da diversidade das culturas do mundo oriental. E deve-se abandonar a hegemonia do eurocentrismo, reduzido a ideias discriminatórias. Só compreendendo efetivamente as sociedades orientais e as diferenças culturais entre as várias regiões, é que a visão tradicional do Oriente pode ser desenvolvida na época moderna, ao mesmo tempo, deve-se verificar as limitações das opiniões extremas, diminuindo ainda o sentido de conflitos entre o mundo oriental imaginário e a realidade. As obras excelentes de literatura de viagem podem desempenhar um papel importante neste sentido, proporcionando uma compreensão do mundo real do Oriente, enfraquecendo ainda mais o sentimento de conflito entre o mundo oriental, tal como imaginado pela sociedade ocidental e a realidade.

Para concluir, este trabalho reúne as investigações anteriores sobre o Orientalismo e conclui que o pensamento orientalista foram benéficos para o nascimento da literatura de viagem inicial, mas possui limitações num mundo do século XXI, numa época em que a diversidade cultural está a desenvolver-se. Por conseguinte, esta dissertação defende que a investigação futura neste domínio deve aproveitar plenamente o papel positivo da literatura de viagem na era moderna do desenvolvimento de uma web social, com o objetivo de aumentar a compreensão objetiva e a representação autêntica do Oriente e promover o avanço dos estudos sobre o Oriente e da literatura de viagem na era moderna.

Referências Bibliográficas

- Abreu, A. G. (1990).** *Poemas de Li Bai*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Abreu, A. G. (2013).** *Toda a China (vol. I) Descobrir, Desvendar, Entender o Mundo Chinês*. Guerra & Paz.
- Abreu, A. G. (2014).** *Toda a China (vol. II) Descobrir, Desvendar, Entender o Mundo Chinês*. Guerra & Paz.
- Áraújo, H. (2002).** “*Expansão Missionária no Oriente*”. In: F. Cristóvão (2002), *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens: Estudos e Bibliografias*, pp. 357-389. Almedina e Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, L3. FCT.
- Baptista, M. (2009).** “*ESTUDOS CULTURAIS: O quê e o como da investigação*”. In: *Carnets, Cultures littéraires: nouvelles performances et développement, n° spécial, automne/hiver 2009*, pp. 451-461. Encontrado em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12293.pdf>, dia 11 de Julho, 2023.
- Batista, E. O. (2009).** “*TRADUÇÃO, VIAGEM, LITERATURA: (RE)ESCREVENDO E COLONIZANDO UMA CULTURA*”. In: *Alea*, vol. 11, n. 2, pp. 296-308. Encontrado em <https://www.scielo.br/j/alea/a/rBDJSLMK7ynrb9Q9yvQfzLn/?lang=pt>, dia 11 de julho, 2023.
- Besse, M. G. (2017).** “*A deslocação do olhar itinerante em Passagem do Cabo, de Maria Ondina Braga*”. In: Mateus, I. C. & Martins, C. (2017), *Maria Ondina Braga (Re) Leituras de uma obra*, pp. 15-29. Universidade do Minho: Museu Nogueira da Silva.
- Blanton, C. (2002).** *Travel Writing: The Self and The World*. Routledge.
- Boaventura, E. M. (1998).** “*A Região Administrativa Especial de Macau e o legado de Portugal*”. In: *Brasília*, a. 35, n. 137, pp. 323-336. Encontrado em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/359/r13730.pdf?sequence=4&isAllowed=y>, dia 11 de julho, 2023.
- Boutyline, A. & Soter, L. (2020).** “*Cultural Schemas: What They Are, How to Find Them, and What to Do Once You've Caught One*”. In: *American Sociological Association*, vol. 86, pp. 1-59, <https://doi.org/10.1177/00031224211024525>. Encontrado em <https://osf.io/preprints/socarxiv/ksf3v/>, dia 11 de julho, 2023.
- Braga, H. F. (2011).** “*Narrativas de si e da alteridade: O relato de viagem na obra “O Grande Bazar Ferroviário”*”. In: *VIII Seminário Anptur 2011*, pp. 1-12. Encontrado em <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/8/32.pdf>, dia 11 de julho de 2023.
- Braga, M. O. (1994).** *Passagem do Cabo*. Editorial Caminho, Lisboa.
- Branco, D. F. (2019).** “*Portugal e Macau, Que Chão Há?*” Dissertação de Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais, Faculdade de

Ciências Sociais e Humanas, Universidade nova de Lisboa. Encontrado em <https://run.unl.pt/handle/10362/65410>, dia 11 de julho, 2023.

Burke, p. & Hsia, R. (orgs.). (2008). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. (R. Santos, Trans.). Unesp. (FEU).

Campos, M. S. (2002). “Oriente e orientalismo em Portugal no século XIX: o caso de Oliveira Martins”. In: *Cadmo*. Lisboa, n. 12, pp. 211-224. Encontrado em https://cadmo.letras.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2022/07/12_10.pdf, dia 11 de Julho, 2023.

Carmo, C. I. (2019). *Passagem do cabo: O sentido à contrecoeur dos sinais de um império que se extingue. Maria Ondina Braga, Viagens e Culturas em Diálogo*. Encontrado em <https://sapiencia.ualg.pt/handle/10400.1/13494>, dia 11 de julho, 2023.

Chaves, L. H. (2013). “Orientalismo e ocidentalismo: revisitando Persépolis”. Encontrado em http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1386682125_ARQUIVO_LuanaHordonesChaves.pdf, dia 11 de julho, 2023.

Chen, X. B. & Liu, M. D. (2011). “A Review on Cultural Schema Theory”. In: *Journal of Hunan First Normal University*, vol. 11, n. 6, pp. 125-130.

Cordeiro, G. (2019). “«Em lugar de seguir a direito» Macau e o princípio da intransitividade em Maria Ondina Braga”. In: *Revue Crisol* 5, pp. 454-464. Encontrado em <https://crisol.parisnanterre.fr/index.php/crisol/article/view/28>, dia 11 de Julho, 2023.

Cristóvão, F. (2002). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens - Estudos e Bibliografias*. Almedina e Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, L3. FCT.

DiMaggio P. (1997). “Culture and Cognition”. In: *Annual Review of Sociology*, vol. 23, pp. 263-287. Encontrado em <http://cogsci.uwaterloo.ca/courses/Phil447.2010/dimaggio.culture.ann-rev.soc.1997.pdf>, dia 11 de julho, 2023.

Duarte, F. G. (2010). “Cartografias identitárias e territórios imaginários: a invenção do Oriente da obra *O Fundamentalista Relutante* de Mohsin Hamid”. In: *Revista da Graduação*, vol. 4, n. 1, pp. 25-68. Encontrado em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/graduacao/article/view/8812>, dia 11 de julho, 2023.

Filho, J. F. (2004). “Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias”. In: *ECO-PÓS*, vol. 7, n. 2, pp. 45-71. Encontrado em https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1120, dia 11 de Julho, 2023.

Gudykunst W. B. (2005). *Theorizing About Intercultural Communication*. Sage Publication.

Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (T. Silva & G. Louro, Trans.). Open University Press. (Trabalho original publicado em 1992).

Imahori, T. & Cupach, W. R (2005). “*Identity Management Theory - Facework in Intercultural Relationships*”. In: W. B. Gudykunst (2005), *Theorizing About Intercultural Communication*, pp. 195-210. Sage Publication.

Laranjeira, R. (2020). “*Imagens do outro nos textos de viagens: exemplos sobre Marrocos*”. In: *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, vol. 20, n. 2, pp. 717-724. Encontrado em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/rll/article/view/8051>, dia 11 de Julho, 2023.

Leite, M. H., Sousa, M. & Gioielli, R. (2004). “*Práticas de recepção midiática: cultura da imagem e identidade cultural*”. In: *Novos Olhares*, a. 8, n. 15, pp. 33-44. Encontrado em <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51409>, dia 11 de julho de 2023.

Lorenzo, B. (2007). “*La connaissance de l’altérité culturelle*”. Encontrado no artigo da Maria Fátima de Outeirinho (2020, p. 65), “*Literatura de viagens portuguesa contemporânea: questões culturais e identitárias*”. In: *Revista Língua-lugar*, n. 8, pp. 60-75. Encontrado em <https://oap.unige.ch/journals/lingua-lugar/article/view/419>, dia 11 de julho, 2023.

Loureiro, R. (2002). “*Visões da Ásia (séculos XVI e XVII)*”. In: F. Cristóvão (2002), *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens: Estudos e Bibliografias*, pp. 339-353. Almedina e Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, L3. FCT.

Maitland, S. (2017). *What Is Cultural Translation? (Bloomsbury Advances in Translation)*. Bloomsbury Academic.

Martins, O. P. (2011). “*Littérature et voyage: la fascination de l’autre*”. Encontrado no artigo da Maria Fátima de Outeirinho (2020, p. 74). “*Literatura de viagens portuguesa contemporânea: questões culturais e identitárias*”. In: *Revista Língua-lugar*, n. 8, pp. 60-75.

Mateus, I. C. & Martins, C. (2017). *Maria Ondina Braga (Re) Leituras de uma obra*. Universidade do Minho: Museu Nogueira da Silva.

Mateus, I. C. & Martins, C. (2019). *Maria Ondina Braga: Viagens e Culturas em Diálogo*. Braga: Museu Nogueira da Silva.

Mateus, I. C. (2020). “*Maria Ondina Braga: autobiografia, life-writing e relação*”. In: Outeirinho, M. F. & Gonçalo V. B. (2020), *Em torno de viagens e outras deslocações*, pp. 37-54. Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa.

Mateus, I. C. (2022). “*Evocação de Maria Ondina Braga: notas para um centenário*”. Encontrado em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/79290>, dia 11 de julho, 2023.

Monteiro, A. O. (2010). “ORIENTE E MÍDIA: REPRESENTAÇÃO, ORIENTALISMO E CONTRA-HEGEMONIA”. Dissertação para Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Comunicação Jornalismo. Rio de Janeiro.

Mór, W. M. (2008), “Eu e o Outro: imagens refletidas. Um estudo sobre identidade e alteridade na percepção das culturas”. In: *Interfaces Brasil/Canadá*, n. 8, pp. 161-180. Encontrado em https://dlm.fflch.usp.br/sites/dlm.fflch.usp.br/files/eu_e_o_Outro.pdf, dia 11 de Julho, 2023.

Nishida H. (1999). “A COGNITIVE APPROACH TO INTERCULTURAL COMMUNICATION BASED ON SCHEMA THEORY”. In: *International Journal of Intercultural Relations*, vol. 23, pp. 753-777. Encontrado em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S014717679900019X>, dia 11 de julho, 2023.

Nishida, H. (2005). “Cultural Schema Theory”. In: W. B. Gudykunst (2005), *Theorizing About Intercultural Communication*, pp. 401-419. Sage Publication.

Nouss, A. (2016). *Pensar o Exílio e a Migração Hoje* (A. P. Coutinho, Trans.). Porto: Afrontamento: ILCML - Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, D.L.

Oliveira, A. (2018). “Identidade, memória e escravização. O indivíduo e a experiência na era hipermoderna”. In: *Revista de Cultura Visual*, n.2, pp. 264-283. Encontrado em https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/59628/1/2018_Oliveira_Identidade-memoria-ecranizacao.pdf, dia 11 de julho, 2023.

Outeirinho, M. de F. (2003). “Representações do Outro na narrativa de viagem oitocentista”. In: *Cadernos de Literatura Comparada 8/9: Literatura e Identidades*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, pp. 67-76. Encontrado em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23476/2/fatimaouteirinhorepresentacoes000095657.pdf>, dia 11 de Julho, 2023.

Outeirinho, M. de F. (2005). “Representação do Outro e Identidade: Um Estudo de Imagens na Narrativa de Viagem II - Imagologia Literária: Contornos Históricos e Princípios Metodológicos”. In: *Cadernos De Literatura Comparada*, n. 1, pp. 101-118. Encontrado em <https://ilccadernos.com/index.php/cadernos/article/view/44>, dia 11 de julho, 2023.

Outeirinho, M. de F. (2017). “Viagem e memória em Maria Ondina Braga”. In: Mateus, I. C. & Martins, C. (2017), *Maria Ondina Braga (Re) Leituras de uma obra*, pp. 117-127. Universidade do Minho: Museu Nogueira da Silva.

Outeirinho, M. de F. (2020). “Literatura de viagens portuguesa contemporânea: questões culturais e identitárias”. In: *Revista Língua-lugar*, n. 8, pp. 60-75.

Encontrado em <https://oap.unige.ch/journals/lingua-lugar/article/view/419>, dia 11 de julho, 2023.

Outeirinho, M. F. & Gonçalo V. B. (2020). *Em torno de viagens e outras deslocações*. Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa.

Pires, D. M. (2008). “Tradução Cultural Através da Literatura: entre o mundo árabe e o Ocidente”. Encontrado em https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/051/MONICA_PIRES.pdf, dia 11 de julho, 2023.

Said, E. W. (1990). *Orientalismo: O Oriente como invenção de Ocidente* (T. Bueno, Trans.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1978).

Said, E. W. (1999). *东方学 [Orientalismo]* (Yugen, Wang, Trans.). SDX Joint Publishing Company. (Trabalho original publicado em 1978).

Silva, M. (2013). “A experiência da viagem na obra de Maria Ondina Braga: objectos de busca, cruzamentos e desencontros”. In: *Navegações*, vol. 6, n. 2, pp. 188-195. Encontrado em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/14849/10941>, dia 11 de julho, 2023.

Sousa, P. (2017). “A identidade nacional portuguesa e as relações externas com as ex-colónias portuguesas: Da descolonização ao diálogo multilateral”. In: *Conjuntura Austral*, vol.8, n.39-40, pp. 44-64. Encontrado em https://www.researchgate.net/publication/315494975_A_identidade_nacional_portuguesa_e_as_relacoes_externas_com_as_excolonias_portuguesas_da_descolonizacao_ao_dialogo_multilateral, dia 11 de julho, 2023.

Strandell, J. (2017). “The Cultural Schema: Towards Conceptual Compatibility in Culture Cognition Interaction”. In: *Culture-Cognition Interaction: Bridging Cognitive Science and Cultural Sociology*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Copenhagen. Encontrado em https://www.researchgate.net/publication/284446202_The_Cultural_Schema_Toward_Conceptual_Compatibility_in_Culture-Cognition_Interaction_Research, dia 11 de Julho, 2023.

Supradi, M. (2008). “Cultural translation point of view”. In: *Artikel [7]*. Encontrado em <https://repository.uinjkt.ac.id/dspace/handle/123456789/34962>, dia 11 de julho, 2023.

Toomey, S. T. (2005). “Identity Negotiation Theory: Crossing Cultural Boundaries”. In: W. B. Gudykunst (2005), *Theorizing About Intercultural Communication*, pp. 211-235. Sage Publication.

Vecchio, D. (2021). “A LITERATURA DE VIAGEM COMO REFIGURAÇÃO NARRATIVA DOS REGISTROS DE VIAJANTES DO PERÍODO COLONIAL”. In: *Itinerários – Revista de Literatura*, n. 52, pp. 95–113. Encontrado em <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/14818>, dia 11 de julho, 2023.

Venuti, L. (Ed.). (1992). *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*. (1st ed.). Routledge.

Zhang, D. M. (2021). *旅行文学十讲 [Dez lições da Literatura de Viagem]*. Peking University Press.

Zorzi, J. A. (2012). “ESTUDOS CULTURAIS E MULTICULTURALISMO: uma perspectiva das relações entre campos de estudo em *Stuart Hall*”. Dissertação para Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Departamento de História. Porto Alegre. Encontrado em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/67062/000872115.pdf>, dia 11 de julho, 2023.